

Criada em 2002, a Revista Bibliomar tem a finalidade de atuar como laboratório para as práticas da disciplina Política Editorial e como canal para divulgação da produção dos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.



PATROCÍNIO:



REVISTA BIBLIOMAR - V. 11 N. 2 ABR./AGO. 2013

REVISTA BIBLIOMAR



um novo **olhar**
para o conhecimento

APOIO:
REITORIA UFMA
ASSESSORIA DE INTERIORIZAÇÃO - ASEI/UFMA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET BIBLIO
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA - UFMA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO**

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Prof. Dr. Cesar Augusto Castro
Diretor

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Profa. Dra. Aldinar Bottentuit
Chefe de Departamento

Profa. Ms. Raimunda Ribeiro
Coordenadora do Curso

Profa. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella
Ferreira

Professora da Disciplina Política Editorial

EXPEDIENTE

EDITOR

Prof.^a. Msc. Rita Gonçalves Marques Portella
Ferreira

COORDENADOR GERAL

Maurício José Moraes Costa

COMISSÃO DE CAPTAÇÃO DE ORIGINAIS

Anna Caroline Corrêa Mendes

Gleyciane Moreira de Deus

Kácia Moraes de Abreu

Synara de Azevedo Ferreira (Coordenadora)

Tabatta Natasha dos Reis

Tamires Alves Pinho

Wanderson Ferreira dos Anjos

COMISSÃO EDITORIAL

Ayla Tereza Aguiar Cruz

Celestre Natalina Silva de Oliveira

Deisiane Malheiros Andrade

Eliane Florencio da Silva (Coordenadora)

Felipe Pinheiro Gonçalves

Mônia Lorena do Nascimento da Silva

Ruyton Calheiro Peixoto

**COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E
DIVULGAÇÃO**

Arlete Janne de Oliveira Soares

Diógenes Ferreira Mendes de Andrade

Dulce Hirli Costa Almeida

Hellen Dayane Ferreira Araújo

Lílian Gatinho Santos

Maurício José Moraes Costa (Coordenador)

COMISSÃO DE PATROCÍNIO E FINANÇAS

Ana Regina Santos Pereira Rabelo (Coordenadora)

Antônia Lima de Araújo

Flordiniz Sousa Campos

Juniele da Rocha Freitas

Silvan Carlos Santos de Araújo

ISSN - 1677-7220

Revista Bibliomar

Um novo olhar para o conhecimento

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada na fonte.

Distribuição: Comissão de Comunicação e Divulgação.

Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Centro de Ciências Sociais
Coordenação Curso de Biblioteconomia
End.: Avenida dos Portugueses, 1966, Bacanga
São Luís - Maranhão - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272 - 8000 / E-mail: atendimento@ufma.br
Site: <http://portais.ufma.br/PortalUfma/index.jsf>
Site do Curso: www.biblioteconomia.ufma.br
E-mail: revistabibliomar@gmail.com

As informações expressas na Revista Bibliomar são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Revista Bibliomar / Curso de Biblioteconomia. - v. 11 n. 2. (2013). —
São Luís : UFMA, 2013.

95 p. ; 21 cm.

Semestral

ISSN 1677-7220

1. Biblioteconomia. 2. Periódicos. I. Universidade Federal do Maranhão. II. Curso de Biblioteconomia. III. Título

CDD 020.5

CDU 02 (05)

EDITOR

Profa. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

COORDENADOR GERAL

Maurício José Morais Costa

CAPA

Raquel Silva Garrêto
Técnica em Designer - IFMA

EDITORAÇÃO E REVISÃO

Comissão Editorial

DIAGRAMAÇÃO

Maurício José Morais Costa

REVISÃO TEXTUAL

Comissão Editorial

REVISÃO DE NORMALIZAÇÃO

Comissão Editorial

IMPRESSÃO

TIRAGEM

250 exemplares

CONSULTORES AD HOC

- Prof^ª. Dr^ª. Aldinar Martins Bottentuit
Prof^ª. Dr^ª. Cássia Cordeiro Furtado
Prof^ª. Dr^ª. Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira
Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Maria Pinho de Abreu Pecegueiro
Prof^ª. Msc. Isabel Cristina dos Santos Diniz
Prof^ª. Msc. Jaciara Januário de Almeida
Prof^ª. Msc. Maria Cléa Nunes
Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Almeida Braga
Prof^ª. Dr^ª. Maria Mary Ferreira
Prof^ª. Msc. Raimunda de Jesus Ribeiro
Prof^ª. Msc. Raimunda Ramos Marinho
Prof^ª. Msc. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira
Prof^ª. Msc. Roosewelt Lins Silva
Prof^ª. Msc. Silvana Maria de Jesus Vetter
Prof^ª. Dr^ª. Valdirene Pereira da Conceição

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
EDITORIAL	9
ARTIGOS.....	11
A DOCUMENTAÇÃO E A INTERNET: os novos conceitos da era digital	11
O JORNAL NO MARANHÃO: uma breve leitura de sua trajetória no contexto maranhense.....	25
O BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO: os desafios e as novas abordagens no hodierno contexto	41
A BIBLIOTECA ESCOLAR WILSON MARQUES: diagnóstico da situação e satisfação dos usuários	55
GESTÃO DO ACERVO DE BIBLIOTECAS: softwares para controle e manutenção do acervo.....	67
RESUMO DE PROJETOS E PESQUISAS	81
ENTREVISTA	83
FIQUE POR DENTRO DA INTERIORIZAÇÃO DA UFMA - ASEI	87
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO	93

APRESENTAÇÃO

Aos leitores da BIBLIOMAR temos o prazer de apresentar o volume 11, número 2 como fruto do esforço dos alunos da disciplina Política Editorial do 5º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, no sentido de proporcionar o exercício das práticas editoriais que a Disciplina requer.

Foi criada em 2002 para dar suporte interativo entre a prática e a teoria, ao mesmo tempo em que seria um canal de incentivo para produção e publicação dos alunos do Curso. Ao longo desses onze anos rompeu barreiras geográficas e atualmente circula na esfera nacional. Ganhou leitores, ganhou autores e leva para o Brasil biblioteconômico os trabalhos e experiências realizados pelos alunos do Maranhão.

Na condição de professora da Disciplina, ao longo desses anos, fico feliz pelos resultados que esse trabalho tem apresentado e espero que o amanhã lhe garanta um futuro promissor adequado às mudanças tecnológicas da cadeia produtiva nacional. Que a BIBLIOMAR tenha uma vida longa!

Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira
Professora da Disciplina Política Editorial

EDITORIAL

O lançamento do volume 11, número 2, da Revista Bibliomar, é motivo de orgulho para os alunos do 5º período do Curso de Biblioteconomia do semestre 2013.1, cuja editoração foi de sua responsabilidade.

A disciplina Política Editorial, ministrada pela professora Rita Portella, garante o exercício das práticas editoriais através da editoração e publicação da Revista Bibliomar, ao mesmo tempo em que está se tornou um excelente canal de difusão do conhecimento científico produzido pelos discentes do Curso de Biblioteconomia.

Chega a sua vigésima quarta edição consagrada como o primeiro e único periódico, no País, editados por alunos de Biblioteconomia, cujo mérito é do Maranhão.

É importante deixar registrado nossos cumprimentos a todos os autores que acreditaram e confiaram na produção desta edição enviando suas obras, contribuindo assim para a editoração de mais esse número, cujo conteúdo aborda temas da atualidade, como: o Bibliotecário como arquiteto da informação, A trajetória do Jornal Estado do Maranhão no contexto maranhense, A documentação e a internet: novos conceitos da era digital, e a Realidade da biblioteca escolar exposta por meio de um diagnóstico. Este número conta também com a excelente entrevista da Professora Dr^a. Cássia Cordeiro Furtado, professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, trazendo contribuições de seu brilhante doutoramento.

Maurício José Morais Costa
 Coordenador Editorial do v.11, n.2 da Bibliomar

A DOCUMENTAÇÃO E A INTERNET: os novos conceitos da era digital

Aderlou Oliveira Silva¹
Eliel Silva Cardozo¹
Fernanda Fonseca Neves¹
Girlenice de Jesus Silva Ferreira¹
Ríulla Pinheiro Costa¹
Wellington Sousa Costa¹

RESUMO

Estudo sobre Documentação e Internet e os novos conceitos adotados no âmbito da Era Digital. Propõe-se a examinar o histórico, os conceitos, classificações e inter-relações nas três áreas - a Biblioteconomia, a Documentação, a Ciência da Informação - para o andamento da Ciência. Aponta a pequena diferença entre a Biblioteconomia - voltada para atividades direcionadas à gestão, acervo e custódia - e a Documentação, que abrange todos os tipos de formatos de informação. Analisa a influência da Biblioteconomia para o desenvolvimento da Documentação e da Ciência da Informação. Compara as várias concepções para o termo "documento" e os primeiros debates sobre o assunto, iniciando pelas concepções de Paul Otlet e Suzanne Briot. Enfatiza o caráter multidisciplinar da Ciência da Informação. Menciona o histórico da Internet, visualizando seus impactos nas gerações atuais. Enumera alguns conceitos da documentação em formato digital.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Documentação. Ciência da Informação. Internet.

1 INTRODUÇÃO

Seguindo as mudanças de comportamento da sociedade

¹ Graduandos do 3º período do Curso de Biblioteconomia - UFMA

ao longo da história, a humanidade procurou criar formas para conservar e guardar o conhecimento e as memórias, originando meios comunicacionais que promovessem uma linguagem mundial e a busca da paz, como o projetado por Paul Otlet, o qual objetivava oferecer à humanidade um índice de assuntos que visasse garantir acesso ao coração do conhecimento.

Assim surgem as mais variadas formas de suporte, estudos e até novas ciências, como por exemplo, a Biblioteconomia, a Documentação, a Ciência da Informação e a Internet; todas uma após outra, de acordo com as tecnologias disponíveis em cada época. A mais antiga delas, a Biblioteconomia, surge em meio a organismos religiosos, em um contexto conservador, originando inclusive os primeiros profissionais na área, os monges conhecidos como copistas, conforme informa Siqueira (2010, p. 56) ao esclarecer que a:

[...] fusão entre religião e política resultou em um controle documental. A igreja católica, por exemplo, detinha o conhecimento da época, guardando os materiais da antiguidade clássica fora do alcance do povo, em sua maioria analfabeto, e restringindo até para os monges, também muitas vezes analfabetos, à técnica da cópia de livros. Desse modo, tanto a produção bibliográfica como a ordenação, armazenamento e guarda de livros era feita pelos religiosos, que podem ser considerados os primeiros bibliotecários.

Devido à necessidade de dispor a informação ao alcance de qualquer pessoa, quando e onde for necessária e, por outro lado, ao aumento global do volume de documentos publicados, tornou-se difícil gerenciar, disseminar e recuperar a informação em tempo hábil. E nesse cenário, já no século XX, surgem a Ciência da Informação e a Internet.

Considerando a informática como um dos fatores auxiliares

fundamentais no processo de recuperação de informação, percebemos que a cada momento surgem tecnologias cada vez mais sofisticadas que permitem uma interação direta entre os usuários e os sistemas. Atualmente, a forma de disseminar e recuperar informações bibliográficas dispõe de vários recursos usuais de recuperação, dos serviços a nível mundial.

Nesse sentido, o presente texto aborda um breve histórico das ciências já citadas e da Internet, embasando-se na abordagem dos temas Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Internet, seguindo a linearidade e a sequência do tempo no qual foram surgindo e em alguns dos eixos das pesquisas realizadas por Jéssica Câmara Siqueira sobre as concepções de Pierre Lévy e Darcy Ribeiro, além de revisão bibliográfica e pesquisas em outras fontes. Iniciou-se o trabalho expondo um dos itens costumeiramente presentes em um texto científico – a metodologia. Utilizou-se como texto principal para fundamentação teórica o texto Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade, da autora acima citada e de outras obras que abordam os temas Documentação e Internet. A divisão dos capítulos apresenta-se inicialmente com uma breve explanação sobre a história da Biblioteconomia como ciência, o bibliotecário e a passagem da cultura impressa para a cultura digital; logo após, uma breve descrição sobre vários conceitos de documento, abordagens da Documentação; no capítulo seguinte, tratou-se da origem da Ciência da Informação, do contexto histórico da Internet e da documentação em formato digital e da necessidade de os profissionais da informação se adequarem a novos formatos.

2 A BIBLIOTECONOMIA

As sociedades antigas se organizavam quase sempre em

torno da cultura agrícola; utilizavam tecnologias rústicas para registrar informações sobre seu dia-a-dia em materiais como argila, pedra ou metal; mantinham como organizadores do conhecimento antigos líderes de guerra ou religiosos e geralmente essa liderança passava de pai para filho.

Muitas civilizações como o Egito, a Suméria e a Babilônia eram organizadas e burocráticas, ou seja, já produziam muitos documentos, gerando a necessidade de guardar informações e nomear alguém que ficasse responsável pelo zelo e conservação destas, como exemplifica Siqueira ao relatar que “[...] em Alexandria, uma das mais famosas bibliotecas do mundo antigo, que delineou com seus filósofos, gramáticos e poetas da época o ideário dos primeiros bibliotecários” (SIQUEIRA, 2010, p. 55).

A constante busca por mais conhecimento foi o fator que caracterizou a sociedade moderna. Somado a esse fator, as mudanças de comportamento na comunidade ocidental proporcionadas pelo Renascimento levaram à busca da notoriedade das atividades bibliotecárias. Esse ponto de vista é apontado por Martins quando este se refere à figura do bibliotecário como uma “invenção da Renascença” ao descrever o perfil do mesmo como sendo “[...] um profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais [...]” (MARTINS, 2001, p. 332).

Ao longo das idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, os livros, assim como o próprio ato de ler sofreram modificações; a principal delas foi a mudança do rolo ao códex (formato do livro como conhecemos hoje em dia). Há séculos, a passagem no formato do livro em forma de rolo para o livro com páginas foi tão impactante como atualmente foi a passagem do livro físico para o chamado livro digital. E como toda mudança traz consigo a necessidade de se adotar novos comportamentos e

protocolos, muitos leitores ainda não aceitaram a convivência com o livro tecnológico, muitas vezes por falta de conhecimentos na área da informática ou por encontrarem dificuldades no manuseio dos tablets. Conforme informa o escritor Robert Darnton, o que talvez defina o leitor do futuro seja a revolução eletrônica, onde não há processo de aprendizagem transmissível da geração do fim do século XX, cujo domínio da leitura não se formou através do computador, para a geração de novos leitores, visto que as transformações no mundo tecnológico acontecem muito rapidamente e que os primeiros leitores eletrônicos verdadeiros não passam mais pelo papel, são os chamados “nascidos digitais.” (DARNTON, 2010).

3 A DOCUMENTAÇÃO

A Documentação surgiu no fim do século XIX para preencher uma lacuna deixada pelas bibliotecas e pelos arquivos. Esse cenário foi promovido por um quadro de “lotação informacional” na qual a produção bibliográfica, a científica e a de novos suportes cresceram a ponto de ficarem fora de controle. Em outras palavras, surgiu em meio à necessidade que se teve de organizar e administrar as informações devido ao aumento significativo de produções bibliográficas nas quais as técnicas de organização do início do século XX já não atendiam as necessidades. Mas, o que vem a ser a Documentação em seu aspecto de domínio, área ou ciência?

Antes de examinar o conceito da ciência anteriormente citada, deve-se verificar também os vários pontos de vista quanto às várias “definições” para o que caracteriza algo como um documento e o que é documentação. Nessa perspectiva, Wolegde (1983, apud ORTEGA, 2009, p. 63) ressalta uma definição que considera clara e não ambígua, além de ser semelhante àquela

proposta por Otlet em 1903. Esta foi apresentada no periódico *Journal of documentation* em sua primeira edição em 1945, por seu editor, Theodore Besterman, onde ele explicita que:

Qualquer coisa em que o conhecimento é registrado é um documento, e documentação é todo processo que serve para tornar um documento disponível para alguém que busca conhecimento. Biblioteconomia e organização de serviços de informação, bibliografia e catalogação de resumos e indexação, classificação e arquivamento, métodos fotográficos e mecânicos de reprodução; todos eles e muitos outros são canais de documentação que guiam o conhecimento até quem o solicita.

Outro conceito para a área de estudo que se propagou pela Europa com o nome de Documentação é informado por Maria Nélida, que o delinea como sendo a “[...] pluralidade de produtos, recursos e serviços que dariam concretude à capacidade produtiva do novo labor intelectual.” (GÓMEZ, 2011, p. 25).

A partir dos trabalhos de Otlet e La Fontaine, a documentação foi ganhando seu espaço, onde teria a função de acompanhar o documento desde o momento em que ele saísse das mãos do autor até chegar às mãos do leitor. Otlet utilizou a palavra documentação em 1903 no artigo *Les sciences bibliographiques et la documentation*. Ele considerou documentos não somente livros e manuscritos, mas também arquivos, mapas e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais entre outros. (ORTEGA, 2009).

Suzanne Briet, discípula de Otlet, discorre que qualquer objeto poderia ser um documento desde que fosse tratado como tal, considerando para isso critérios como: a materialidade, a intencionalidade e a organização em um sistema. Um dos conceitos iniciais para o termo partiu de um texto elaborado por ela no qual um “documento” é “[...] qualquer signo físico

em conceitual, preservado ou registrado, com a intenção de representar, reconstruir ou demonstrar um fenômeno físico ou conceitual.” (BUCKLAND, 1997 apud CRIPPA, 2011, p. 56).

Muitos outros conceitos vieram depois, alguns bem mais abrangentes na tentativa de designar o termo, como se pode constatar no de Le Coadic, onde documento é “[...] todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos e icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais (gravados em suporte de papel ou eletrônico).” (LE COADIC apud CRIPPA, 2011, p. 58). Há ainda outros que soam bastante radicais como o de Mostafa, onde documentos são “[...] potencialmente, tudo o que existe no mundo, pois tudo suscita informação [...] potencialmente porque nem tudo o que existe irá se transformar em documento.” (MOSTAFA, 2011, p.13).

4 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Em sua essência, a Ciência da Informação é uma ciência mutante e interdisciplinar, tem origem após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas resolveram iniciar a guerra fria, período marcado pela busca incessante de dois polos: um negativo, que se refere ao poder destrutivo das armas de destruição em massa, como bombas nucleares; e um positivo: a crescente produção de livros, periódicos, do conhecimento humano e científico em todas as áreas, em particular as tecnológicas, fazendo-se necessário maior rapidez nas técnicas de armazenamento, conservação, recuperação e tratamento da informação.

Pode-se atestar que cada país teve suas peculiaridades e amadurecimentos científicos. Mas a essência da Ciência da Informação em lidar com os problemas informacionais

apresentava uma mentalidade universalizada. Um exemplo dessa universalidade que ficou latente em boa parte do mundo foi a discussão entre Ciência da Informação e Biblioteconomia.

Com os avanços na sociedade informacional, as informações, antes manuais, hoje podem ser feitas automaticamente e as redes de informação permitem uma difusão de informações mais rápida e dinâmica. O caráter interdisciplinar dá-se pela abrangência nas várias áreas do conhecimento e comunicação através de modernos satélites, onde tudo acontece instantaneamente.

Otlet pode ser considerado um visionário, pois forneceu as bases para a Ciência da Informação, mesmo antes da existência desta, conforme aponta Figueiredo (1996 apud SILVA; FREIRE, 2012, p. 11):

O [Tratado] de Documentação [...] é, talvez, [...] a primeira sistemática e moderna discussão dos problemas gerais da organização da informação. O termo documentação é um neologismo, criado por Otlet, para designar o que hoje em dia tendemos a chamar de armazenamento e recuperação da informação. De fato, “não é exagero declarar-se que o tratado foi um dos primeiros textos de Ciência da Informação...” Propõe novos tipos de sistemas mecânicos integrados para o manejo da informação, os quais teriam ainda de ser inventados e transformariam o meio ambiente e as práticas dos pesquisadores.

4.1 O Contexto Histórico da Internet

O processo da informação digital compreende basicamente três etapas: indexar, armazenar e recuperar. Com o advento da informática, esses processos no manuseio das informações tornaram-se uma tarefa simples e eficaz, por existir recursos que permitam mais rapidez. Para proporcionar a distribuição de dados e a prestação de uma variedade de serviços com documentos

eletrônicos, é imprescindível o uso do computador. O computador é usado para armazenar informações bibliográficas e gerar índices impressos que podem ser consultados da mesma maneira que os índices produzidos manualmente.

Os sistemas informatizados oferecem recursos de busca, como as consultas utilizando combinação de termos em uma página na rede. A cada dia nos deparamos com novas tecnologias de recuperação de informação, reduzindo as distâncias por intermédio das redes de transmissão de dados e a multiplicação através de redes locais e remotas.

No decorrer dos anos, surgem novas tecnologias, que resultaram em novos meios que dinamizaram a propagação da informação, como ocorreu com a Internet, que nasceu em 1969, sendo batizada como Arpanet, desenvolvida pelo Departamento de Defesa Norte Americano (DOD ou DoD de Department of Defense), com o intuito de permitir que engenheiros e cientistas que trabalhavam em projetos militares em vários locais da América pudessem compartilhar informações. (DARNTON, 2010). A Arpanet expandiu-se e uma das suas ramificações foi a rede mundial de computadores.

A internet é um mundo virtual, quase sem limites, interligando todos os continentes, alcançando vários países, visando à disseminação da informação de forma eficiente e produtiva. Diversos centros de documentação e bibliotecas construíram bases de dados automatizadas que poderiam ser pesquisadas por diversos modos. A rede tornou-se uma biblioteca cibernética universal, com vários bibliotecários, onde cada um utiliza um serviço de pesquisa, para encontrar o que deseja. Seguindo a tendência, a pesquisa digital proliferou-se na década de 80 no meio acadêmico.

No Brasil, os primeiros passos visando à conexão às redes internacionais foram dados pelo Laboratório Nacional de

Computação Científica (LNCC), ao conectar com a University of Maryland (UMD) em setembro de 1988, em novembro do mesmo ano, foi à vez da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com a Fermi National Laboratory (FERMILAB) em Chigaco. Posteriormente, em maio de 1989, a Los Angels (Ucla), por intermédio da rede Bitnet, visando à comunicação com pesquisadores de universidades e centros de pesquisa no exterior. Em 1989, foi implementada a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) que se tornou a grande backbone dessa grande rede de computadores, rompendo paradigmas e colocando em plena revolução informacional. (TEIXEIRA; SCHIEL, 1997). A meta primordial era a promoção e o incentivo do intercâmbio informacional entre os cientistas brasileiros e os estrangeiros, permitindo dessa forma a constante troca de conhecimentos científicos a nível global. Além de facilitar o dia-a-dia do cidadão comum, a internet integra os esforços também em redes acadêmicas. Ela independe de plataforma, podendo conectar se a qualquer tipo de ferramenta de busca.

4.2 A Documentação em formato digital

O documento digital pode ser definido como eletrônico ou informático. Porém, ambos abrangem um mesmo sentido, visto que são produzidos através do uso do computador. Conceituá-lo não é tarefa das mais fáceis, uma vez que envolve dados ligados diretamente à informática e à tecnologia, que evoluem a todo dia. Assim, pode ser conceituado como aquele que se encontra memorizado em forma digital, sendo percebido pelo o homem somente com o auxílio de um programa de computador. Nada mais é que uma sequência de bits que, traduzida, nos representará um fato.

Os recursos eletrônicos suprem as reais limitações verificadas com o uso da documentação tradicional, que geralmente é feita através do papel, tornado o documento mais seguro, confiável e sua transmissão se torna rápida e eficiente. A respeito das vantagens dos documentos digitais, Bill Gates afirma que, quando se trabalha com estes, a tarefa se torna mais fácil se comparado com o que se utiliza de papel, visto que é simples a reestruturação de seu conteúdo, além de tornar a transmissão das informações quase que imediata.

Alguns podem não compreender o uso do documento eletrônico, pois estão acostumados com o formato clássico, onde é utilizado somente o papel. Porém, a diferença básica entre o documento tradicional e o documento eletrônico é simplesmente o suporte, ou seja, sua forma de materialização. Não devemos permanecer estáticos frente às inovações da tecnologia, pois o mercado avança em direção ao futuro, visando à comodidade e facilidade a seu acesso por um número maior de pessoas.

Marcacini enfoca as mudanças sociais decorrentes da revolução tecnológica e enfatiza que o progresso da ciência sempre traz consigo mudanças nos hábitos e comportamentos das pessoas e, por consequência, o surgimento de novas relações jurídicas ou novos fatos jurídicos a serem objetos de regulamentação por parte do direito. O mesmo autor ainda focaliza que nunca na história da humanidade o avanço da tecnologia se fez tão presente no cotidiano como se vê com a informática, haja vista a multiplicidade de usos que pode dar a um computador, além da incrível popularização que esta tecnologia avançou no modo de vida em sociedade (MARCACINI, 2000 apud GANDINI; SALOMÃO; JACOB).

5 CONCLUSÃO

Após examinar os conceitos e classificações das três áreas em estudo (a Biblioteconomia, a Documentação, a Ciência da Informação), depreendeu-se que a humanidade sempre buscou uma organização a nível mundial de todos os tipos de documentos na tentativa de concretizar seu anseio milenar pela paz universal e também para facilitar o próprio andamento da Ciência. Interpretou-se que, de certo modo há uma pequena diferença entre a Biblioteconomia e a Documentação; a primeira está voltada a um leque de atividades direcionadas à gestão e ao acervo (conservação e custódia) e a segunda envolve um conjunto de técnicas e representações de todos os tipos de formatos de informação.

Confirmou-se que a Biblioteconomia, a Documentação, a Ciência da Informação são áreas que se inter-relacionam, visto que a primeira se fortaleceu nos Estados Unidos enquanto a segunda despontava na Europa e que ambas influenciam significativamente para o desenvolvimento da terceira, a ,Ciência da Informação.

Entendeu-se que há várias concepções para o termo “documento” e que as primeiras pessoas que debateram sobre o assunto foram Paul Otlet e Suzanne Briot. Esclareceu-se que, assim como os livros, os documentos em vários tipos de suporte também já fazem parte do mundo eletrônico e que a quantidade deles só aumenta a cada dia no ambiente da rede mundial de computadores.

DOCUMENTATION AND THE INTERNET: The new concepts of the Digital Age

ABSTRACT

Study about Documentation and Internet and new concepts adopted in the Digital Age. It is proposed to examine the history, concepts, classifications and interrelationships in the three areas - the Library,

Documentation, Information Science - for the progress of science. Pointing the small difference between the Library - toward activities directed the management, collection and custody - and Documentation, which covers all types of information formats. It analyzes the influence of Librarianship for the development of Documentation and Information Science. Compare the various conceptions of the term “document” and the first debates on the subject, starting with the conception of Paul Otlet and Suzanne Briot. Emphasizes the multidisciplinary feature of Information Science. Mentions the history of the Internet, viewing its impacts on current generations. Lists some of the concepts documentation in digital format.

Keywords: Librarianship. Documentation. Information Science. Internet.

REFERÊNCIAS

- CRIPPA, G. O patrimônio cultural: a cidade como documento. In: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. (Org.). **Ciência da informação e documentação**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2011. cap. 4, p. 53-70.
- DARNTON, R. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231 p.
- GANDINI, J. A. D.; SALOMÃO, D. P. da S.; JACOB, C. **A segurança dos documentos digitais**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/27250-27260-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- GOMÉZ, M. N. G. de. A documentação e o neodocumentalismo. In: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. (Org.). **Ciência da informação e documentação**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2011. cap. 2, p. 23-36.
- MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa**

e da biblioteca. 3. ed. ilu. rev. e atual. 2. impressão. São Paulo: Ática, 2001.

MOSTAFA, S. P. A documentalidade como conceito filosófico. In: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. (Org.). **Ciência da informação e documentação**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2011. cap. 1, p. 9-21.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 14, número especial, p. 59-79, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a05v14nspe.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da informação**. [S.l.], v. 15 n. 3, p. 52-66, set./dez. 2010.

SILVA, J.L.C.; FREIRE, G.H. de A. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. Santa Catarina, v.17, n.33, p. 1-29, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1/21708>>. Acesso em: 21 mar 2013.

TEIXEIRA, C. M. de S; SCHIEL, U. S A internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 1, jan./abr.1997. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/421/380>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

O JORNAL NO MARANHÃO: uma breve leitura de sua trajetória no contexto maranhense

Anna Caroline Correa Mendes¹
Tamires Alves Pinho²
Wanderson Ferreira dos Anjos³

RESUMO

Resgata a trajetória da imprensa no mundo e, mais precisamente, no Maranhão, a partir de uma breve avaliação de documentos, estabelecendo diálogos iniciais numa tentativa de identificar, analisar e descrever as especificidades do periodismo das diversas épocas que antecedem os periódicos atuais. No Maranhão, especificamente em São Luís, aborda a atividade jornalística a partir da publicação do jornal O Conciliador motivado por questões políticas até a concepção jornalística que marca os jornais atuais. Reflete, por fim, a não ruptura do tradicionalismo jornalístico ao longo dos anos, tendo em vista o crescimento deste somente a partir de interesses de cunho político e de propagação de poder.

Palavras-chave: Imprensa. Jornal. Maranhão. Periódico.

1 INTRODUÇÃO

É através da comunicação entre os indivíduos que vivem em sociedade que estes tornam-se verdadeiros cidadãos. Não obstante, é essencial conhecer uma forma de expressão capaz de circular por entre todos. E é assim que desde séculos antes de Cristo se datam publicações escritas, conhecidas como periódicos ou, mais precisamente, os jornais. As primeiras reproduções da escri-

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e graduanda do 5º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: anna.caroline_mendes@hotmail.com.

2 Graduada do 5º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: ta_alvesp@hotmail.com.

3 Graduando do 5º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: wandersondosanjos@hotmail.com.

ta eram feitas de argila e cera com selos cilíndricos e cunhas, mas por mais arcaico que fosse este suporte, sabe-se que ainda assim quem as “talhou” teve a intenção de comunicar algo. Manguel (1997, p. 41) relata que

Em 1984, duas pequenas placas de argila de formato vagamente retangular foram encontradas em TellBrak, Síria, datando do quarto milênio antes de Cristo. Eu as vi, um ano antes da guerra do Golfo, numa vitrine discreta do Museu Arqueológico de Bagdá. São objetos simples, ambos com algumas marcas livres: um pequeno entalhe em cima e uma espécie de animal puxado por uma vara no centro. Um dos animais pode ser uma cabra, e nesse caso o outro é provavelmente uma ovelha. O entalhe, dizem os arqueólogos, representa o número dez. Toda a nossa história começa com essas duas modestas placas. Eles estão – se a guerra os poupou – entre os exemplos mais antigos de escrita que conhecemos.

Menos inocente do que essas peças de argila que obtinham incisões que retratavam animais, as civilizações vêm usando ao longo do tempo a escrita, assim como a mídia impressa, como forma de disseminar informações, notícias e pensamentos individuais e coletivos para população.

A Acta Diurna foi a primeira publicação periódica que se tem notícia. Era gravada em tábuas de pedra e foi fundada por ordem de Júlio César em 59 a.C. A Acta Diurna era exposta em lugares públicos e trazia diversos fatos, notícias militares, obituários, crônicas esportivas etc. (BARTLETT, 2000). A utilização do papel em publicações já veio surgir em 715 d.C. em Kaivuan, na China. Mas a modernização do periódico, de fato, se deu em 1440 com Johannes Gutenberg utilizando a prensa móvel, onde informações eram gravadas em blocos de madeira ou chumbo, depois organizadas em uma estrutura de madeira, para a partir daí

formar palavras e textos.

No início, em meados do século XVII, os canais de comunicação, os periódicos/ jornais eram comumente reduzidos à propagadores de notícias cotidianas do panorama europeu e, raramente, retratavam as notícias vindas da América e da Ásia. Somente no final do século é que os jornais começaram a cobrir matérias nacionais, no entanto, devido à censura os jornais raramente podiam divulgar notícias que fizessem com que as massas sentissem o desejo de se rebelarem.

No século XIX o meio de comunicação mais popular entre a sociedade era o jornal, em consequência disto, a época entre os anos de 1890 a 1920 ficou conhecida como os “anos dourados” da mídia, no qual cabe destaque à William Randolph Hearts, Joseph Pulitzer, e Lorde Northcliffe, que tornaram-se poderosos por possuírem grandes impérios editoriais (BARTLETT, 2000). A era de ouro dos jornais foi abalada logo depois dos anos 1920 com a chegada do rádio, o que não durou muito tempo, já que os editores adaptaram os formatos e conteúdos de seus jornais para torná-los mais atraentes.

2 A CHEGADA DA IMPRENSA NO MARANHÃO

A imprensa no Brasil teve o seu nascimento e desenvolvimento a partir das transformações decorrentes da vinda da Família Real para o país em 1808. Sua presença em terras coloniais era um fato inusitado e acabou provocando muitas mudanças em nosso país. E, falando sobre período colonial, como forma de assegurar que as ideias de revolta, liberdade, conflitos e independência não fossem divulgadas entre os colonos e também para garantir o controle e exploração dos brasileiros, houve a proibição da impressão de jornais e livros em nosso país nesse período. Segundo Jorge (1987, p. 28), “[...] tudo que pudesse despertar para a leitura e,

consequentemente, para o saber, era proibido [...]”.

O momento oficial de inauguração da imprensa brasileira se deu com o decreto de criação da Gazeta do Rio de Janeiro, que começou a circular em 10 de setembro de 1808. Nas palavras de Braga (2011, p. 105) “O conhecimento acerca desse período permitirá que eu transite por acontecimentos políticos, econômicos e sociais ocorridos na Europa ocidental que afetaram o Brasil como um todo, em cujo cenário o imperialismo teve maior abrangência [...]”.

No Maranhão, o jornal nasce num momento de tensão e conflito de ideias, tendo de um lado os adeptos à independência e do outro lado a luta pela manutenção do poder. De acordo com Galves (2005, p. 128), “[...] foram os debates sobre a Independência, após a Revolução do Porto, que delimitaram posições antagônicas entre brasileiros e portugueses, absolutistas e liberais, religiosos e científicos, expressas nas páginas dos periódicos [...]”. É nesse contexto de Independência do Brasil e adesão do Maranhão a essa causa que permeia e está inserido o nascimento da nossa imprensa. Como informa Jorge (1987, p. 16) “[...] a situação era crítica, o ambiente pouco favorável à implantação de uma imprensa independente que viesse assumir uma postura política sobre determinado segmento de ideias.” É importante ainda rebater o argumento dos altos índices de analfabetismo como forma de inibir a difusão dos debates veiculados nos periódicos. “A escrita [...] tinha como objetivo, conquistar o público, formado na maioria, por pessoas analfabetas.” (JORGE, 1987, p. 40).

Esse jornal possuía o caráter oficial misto daquela época. Vê-se como exemplo um dos fundadores, José Antonio Ferreira Tezinho - Padre Tezinho - que foi a expressão dessa fusão/misticismo entre atividades jornalísticas, políticas e religiosas.

Era principalmente da política que os jornais da capital maranhense se ocupavam. Se houvesse crítica às maiores

autoridades, logo viriam as punições e tais jornais não poupavam os adversários políticos.

3 A IMPRENSA NO SÉCULO XIX: o Conciliador do Maranhão

A chegada da imprensa no Brasil está dividida em quatro fases e o Maranhão, assim como o Pará, Pernambuco e Minas Gerais fazem parte da segunda fase, referente ao ano de 1821.

No que diz respeito ao nascimento do primeiro jornal no Maranhão, Jorge (1987, p. 19) relata que os “[...] maranhenses se beneficiaram não só da presença da Corte Portuguesa, como da Revolução do Porto, de 1820, para ter o jornal O Conciliador do Maranhão [...]”, nascido em 15 de abril de 1821, num cenário de luta pela manutenção do poder e pela emancipação política. Lutas entre ideias de liberdade/independência e ideias de colonização/dependência.

Com o formato de uma folha de papel almaço, manuscrito em duas colunas, os primeiros exemplares desse periódico eram manuscritos e redigidos na casa construída pelos Jesuítas, onde hoje funciona a Santa Casa de Misericórdia. Circularam 34 exemplares manuscritos.

Sobre a impressão e matérias desse jornal, Jorge (1987, p. 32) declara:

O Conciliador do Maranhão era impresso na Typographia Nacional Maranhense, a primeira que chegou a esta cidade. O governador Bernardo da Silveira Pinto, responsável pela iniciativa, nomeou uma junta, para dirigir os trabalhos, assim composta: Desembargador José Leandro da Silva e Sousa, Presidente; Lázaro José da Silva Guimarães, Tesoureiro; Antonio Marques, Diretor. Eis os seus primeiros operários: Francisco José Nunes Côrte Real, componedor; Francisco Antonio da Silva, impressor; Antonio da Silva Neves, ajudante do

componedor [...] as matérias se resumiam em notícias nacionais, transcrição de decretos, editais, variedades, proclamações, cartas do leitor, notícias estrangeiras (transcritas dos jornais Courier, França; Observateur, Áustria, entre outros), entradas e saídas de embarcações, preços de gêneros, correspondências, matérias doutrinárias e avisos.

O Conciliador, em seu primeiro número pedia a colaboração do público para levar qualquer fato acontecido na cidade, tinha como objetivo, servir de mediador entre o governo e o povo, “[...] porque é através desse veículo que a sociedade toma conhecimento dos fatos oriundos do poder [...]” (JORGE, 1987, p. 20).

Imparcialidade, verdade e franqueza, além do amor ao bem público e respeito à ordem eram os princípios em que O Conciliador do Maranhão prometia se nortear. O logotipo são duas mãos dadas, como a torcerem pela união entre portugueses e brasileiros. Mas,

Na opinião de historiadores, o jornal contrariou o título, como que, traduzindo a ideia de união, entre brasileiros e portugueses, ficou muito aquém da proposta. Ligado ao governo na qualidade de porta-voz, a linguagem muitas vezes era pouco urbanizada e aos adversários, membros do partido da oposição, não poupava críticas duras. (JORGE, 1987, p. 21).

Como vimos, o jornal não “arcou com suas palavras” e isso não ficou escondido, às caladas. Muitos eram os que criticavam as ideias trazidas por ele, além de falar da linguagem que o mesmo apresentava. O que se pode constatar junto a Sotero do Reis (apud JORGE, 1987, p. 30) é que “[...] O Conciliador logo se desmandou em excessos contra personalidade e os políticos opositoristas; assim principiamos a conhecer esta bela instituição só pelo abuso que dele se fez.” Ele não foi fiel ao seu título que sugeria conciliar

as tensões existentes entre brasileiros e portugueses.

Antônio Marques da Costa Soares (português e Oficial Maior da Secretaria do Governo) e José Antonio Ferreira Tezinho (o Padre Tezinho) eram os redatores desse órgão oficial do governo e por isso, os redatores do jornal não pouparam críticas àqueles que se colocaram contra o mesmo.

Sobre o Padre Tezinho, temos que:

O Rio de Janeiro já tinha a seguinte informação dada pelo presidente Bruce: Este padre e deputado [...] é um dos mais violentos inimigos da causa da Independência do Brasil e até mesmo da Sagrada Pessoa de Sua Majestade Imperial, como ele próprio sem reboço algum, publicava na Gazeta O Conciliador, de que ele era redator nesta cidade [...]. Tezinho injuriava os cidadãos provocando assim desordem, o ódio entre as famílias dilaceradas em o melindroso ponto de honra pela satírica mordacidade. (JORGE, 1987, p. 27).

Anos mais tarde, esse mesmo Padre Tezinho sofreria sanção por abuso da liberdade de imprensa, sendo o primeiro jornalista a “sentir o peso” da Lei de Imprensa de 12 de julho de 1821.

Em relação ao encerramento das atividades jornalísticas de O Conciliador do Maranhão, Jorge (1987, p. 25) expõe que “[...] o jornal impresso atingiu 210 edições, encerrando as atividades a 16 de julho de 1823.”

4 A IMPRENSA PERIÓDICA DO MARANHÃO NO SÉCULO XX

O município de Rosário tinha sete mil habitantes e despontava com o seu potencial econômico quando, em 1903, seu primeiro jornal, chamado O Rosariense, foi registrado. Esta

foi a primeira localidade do Maranhão a conhecer a imprensa no século XX, sendo a terceira do estado, 82 anos depois da capital São Luís, onde surgiu o primeiro periódico. Este circulou durante dois anos, de 1903 a 1905, “[...] era um quinzenário imparcial, literário e religioso.” (SILVA, 1981, p. 34 apud PINHEIRO, 2007, p. 51).

O primeiro periódico da região sul do Maranhão surge em 1904, no município de Loreto, “[...] um dos centros de criação de bovinos dos campos maranhenses [...]” (PINHEIRO, 2007, p. 56), intitulado *O Ideal*, seu proprietário era Dagoberto Barbosa.

O Tocantins surgiu em 1914, no município de Colina, ocasião em que a região apresentava a pecuária como uma das principais atividades econômicas. O jornal circulou até os anos 30, tendo como diretor responsável José Queiróz.

Segundo Cabral (1992, p. 2003 apud PINHEIRO, 2007, p. 57)

Os jornais e revistas circulando por quase todo o sertão e até em cidades goianas e piauienses [...] publicaram matérias e notícias relativas aos homens e fatos do próprio sertão, servindo, ao mesmo tempo, de veículo e de estímulo às criações culturais da terra.

Isso mostra a importância destes meios de comunicação e o valor dado aos jornais e também às revistas naquela região na época em que circulava *O Tocantins* em Colina, pois a atividade impressa era muito intensa, em quantidades bem significativas.

Segundo Jorge (2006, p. 86), José Pires da Fonseca fundou o *Diário de São Luís* no ano de 1920, mas por ser partidário de Vitorino Freire, político odiado pelas oposições que comandou o Maranhão por cerca de 20 anos, teve seu jornal incendiado em 1951, durante uma greve com participação do povo, insuflado pelos adversários do governo, e que resultou na morte de muitas

pessoas. A sede do jornal ficava localizada em São Luís, em um prédio onde hoje funciona o Banco Itaú na Praça João Lisboa.

J. Pires fundou, então, em 1926 o jornal *O Imparcial*, ele esteve à frente deste jornal durante anos até vendê-lo nos anos 40 para uma empresa fundada por Assis Chateaubriand chamada “*Diários Associados*”. Ele resistindo no começo à venda, sofreu todo tipo de hostilidades e censuras, até que por conta disso “J. Pires [...] não resiste e vende ‘*O Imparcial*’, que se coloca a serviço do progresso maranhense na interventoria de Paulo Ramos.” (JORGE, 2006, p. 86).

Na quarta década do século XX, muitos jornais do Maranhão sofreram durante o governo do interventor Paulo Ramos, que fazia todo tipo de censura com os periódicos, inclusive a do lápis vermelho, que excluía toda e qualquer publicação que criticasse o atual governo, e punia estes com espancamentos e até com a morte.

Em 1932, a cidade de Imperatriz conhece seu primeiro periódico intitulado *O Alicate*, “[...] fundado por Antônio José Marinho, natural de Grajaú, que exerceu a profissão de escrivão e tabelião público em Imperatriz.” (ASSUNÇÃO; PINHEIRO; SANTOS, 2009, p. 3). Marinho era também responsável pela sua circulação e produção. Era redigido à mão, apesar das máquinas de escrever entrarem no mercado desde 1874, e tinha circulação irregular.

No norte do Maranhão, dois periódicos surgiram em 1935: o jornal *Poeira*, em Humberto de Campos e o jornal *Legionário*, em São Bento, cidade que tinha, nesta época, cerca de nove mil habitantes. O jornal “[...] era órgão do Grêmio D. Luís de Brito e da União de Moços Católicos, cujo diretor foi Padre Palhano de Jesus [...]” (SILVA, 1981, p. 284 apud PINHEIRO, 2007, p. 52).

O *Diário do Norte*, fundado em 1937 em São Luís, pertencia ao então deputado Maurício Jansen, um homem de muita coragem,

que enfrentou censuras de poderosos no governo de Paulo Ramos que proibia a livre manifestação de pensamento (JORGE, 2006, p. 84).

Depois que Paulo Ramos destacou Fernando Perdigão como censor deste jornal, este alegava deboche ao interventor e assim excluía muitas coisas escritas no jornal, o “[...] trabalho de redação, revisão, composição e paginação tinha que ser refeito. O jornal saía atrasado. Não havia como resistir a tanta perseguição.” (JORGE, 2006, p. 85). Então, diante de uma proposta do interventor Paulo Ramos, Maurício Jansen vende seu jornal, que de posse deste, vende-o para os “Diários Associados”.

Imperatriz conhece o jornalismo político com o jornal O Astro “[...] que foi fundado no dia 24 de julho de 1949, era ligado ao Partido Social Trabalhista.” (ASSUNÇÃO; PINHEIRO; SANTOS, 2009, p. 7). Tinha a direção de Simplício Alves Moreira, prefeito da época, e Manoel Rocha Rolim; e redação de “[...] Antenor Fontenele Bastos, Manoel Ribeiro Soares e Urbano da Rocha Miranda.” (ASSUNÇÃO; PINHEIRO; SANTOS, 2009, p. 7).

O Astro era um periódico de quatro páginas que noticiava acontecimentos da cidade, fatos políticos e propagandas comerciais, sendo o Partido Social Trabalhista sempre citado como órgão contribuinte para o crescimento e o desenvolvimento de Imperatriz.

Imperatriz conheceu mais três periódicos no século XX: o jornal O Progresso, que nasceu de acordo com Pinheiro (2007, p. 60) “[...] em 3 de maio de 1970 [...]” tendo como proprietário o jornalista José Matos Vieira; o jornal A Notícia em 1978; e o impresso chamado Jornal de Negócios, que iniciou sua circulação em 1986.

5 O JORNAL DO MARANHÃO NO SÉCULO XXI

Os jornais maranhenses do século XXI ainda perpassam ideias não diferentes do primeiro jornal do estado “O Conciliador” que, nascido em uma era de tensão política e econômica, já servia para denunciar e atacar ou outros segmentos políticos. Infelizmente, o que se tem hoje é a visão de que cada edição jornalística apresenta por trás de seus informes uma ideia de “alienação político-econômica” embasado por alguma ideologia de cunho pessoal e simultaneamente de cunho coletivo e/ ou partidário. Faz-se notório que a função jornalística não pode separar-se de sua intencionalidade, mas diminuí-la a um mero perpetuador de dogmas emblemáticos, tornando-a indigna de reconhecimento social. A notícia perde a sua essência

[...] deixou de ser objetiva para tornar-se individual. Melhor dizendo: as notícias mais bem contadas são aquelas que revelam, através da experiência de uma só pessoa, tudo o que é preciso saber. Isso não se pode fazer sempre, é claro. É preciso primeiro investigar qual é o personagem paradigmático que poderia refletir, como um prisma, as luzes cambiantes da realidade. Não se trata de narrar por narrar. (MARTÍNEZ, 1999, p. 2).

Aquela premissa de que o jornal é o maior disseminador de opiniões e informações para as classes sociais, perde espaço ainda para as infinitas dimensões informacionais que a internet oferece: “[...] para as publicações cotidianas ou semanais, mantém-se sempre uma edição em papel, que é o próprio jornal, mas, para certas revistas, esta edição não existe mais [...]” (CHARTIER, 1999, p. 137). As práticas de leitura estão se transformando ao longo do tempo, os leitores do século XXI apresentam hábitos e comportamentos de leitura diferentes, cada um particularizado em seu cotidiano. Ainda há aqueles que preferem o tradicional

suporte de leitura diário, os impressos que acreditava-se serem eles contidos de informações confiáveis e atuais, são enfraquecidos em sua vontade, ao se depararem com conteúdo de cunho partidário agressivo e difamador.

Talvez por estes motivos, os jornais estejam fazendo uma abordagem apelativa das notícias cotidianas, estampando manchetes de cunho criminalista, a fim de chamar a atenção das classes menos favorecidas onde as mesmas sentem prazer em “ler” notícias deste enfoque.

Na verdade, esta posição editorial maranhense apresenta um paradoxo letal: em vez de qualificar os jornais para que possam tornar-se mais atraentes, estes simplesmente diminuem seu potencial jornalístico para aí sim conseguir conquistar mais leitores. Isto, claro, apoiado no reflexo do triste panorama político-econômico que se apresenta a sociedade maranhense, onde a escolaridade, ou a falta dela, faz com que uma leitura de assassinato passional seja mais “vendida” do que uma boa crônica social.

5 CONCLUSÃO

A história da imprensa no mundo constitui-se de forma gradativa, trazendo fatos singulares norteadores de uma compreensão atual sobre a constituição dos jornais atuais no mundo. No Maranhão, a abordagem dos jornais trouxe uma miscelânea de informações úteis e de insinuações partidárias políticas do estado. Em São Luís, particularmente, concentrou-se a maior parte dos empreendimentos relacionados ao jornalismo. A capital manteve a tradicional profusão de folhas noticiosas, a crescer às vésperas de embates políticos, com noticiário visivelmente marcado pelas disputas entre os núcleos de poder (PINHEIRO, 2007). Mediante as necessidades sociais da cidade

e com o auxílio da enxurrada de informações atuais advindas do crescimento das novas tecnologias, o jornalismo ludovicense precisa abrir novas possibilidades ao debate público em torno de temáticas emergenciais à população, objetivando aumentar a participação de todos os outros segmentos sociais, especialmente a sociedade civil, nas discussões estratégicas que interessam à cidade.

NEWSPAPER IN MARANHÃO: a brief reading of his career in the context of Maranhão.

ABSTRACT

Discusses the importance of the contribution of a redemption of the trajectory of the press in the world, and more precisely in Maranhão, from a brief review of documents, establishing dialogues early in an attempt to identify, analyze and describe the specifics of the various times of journalism preceding the current journals. In Maranhão, specifically in São Luís, discusses journalistic activity from the publication of the newspaper The Conciliatory Maranhense motivated by political issues to the journalistic concept that marks the current newspapers. Reflects finally, the newspaper traditionalism not break through the years, in view of the growth of only from a political interests and propagation of power.

Keywords: Press. Journal. Maranhão. Newsletter.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Thays Silva; PINHEIRO, Roseane Arcanjo; SANTOS, Larissa Pereira. Jornalismo em Imperatriz – MA: perfil dos jornais impressos das décadas de 30 e 40. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA: mídia alternativa e alternativas midiáticas, 7., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2009.

BRAGA, Maria de Fátima Almeida. **Livros, folhetos, jornais, calendários e folhinhas, tudo à venda na botica de Padre Tezinho**: práticas sociais e práticas de leitura nos anúncios dos jornais do século XIX (1820-1831). 2011. 245 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2011.

ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA: mídia alternativa e alternativas midiáticas, 7., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2009.

BARTLETT, John. **Familiar Quotations**. 10 ed. ampliada e editada por Nathan Maskell Doyle. New York: Bartleby, 2000.

CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Velásquez. **A imprensa educacional Liceista do Maranhão na primeira república**. São Luís: EDUFMA, [200-].

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

GALVES, Marcelo Cheche. Luzes na Imprensa: jornais ludovicenses no primeiro reinado. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís, v. 3, n. 1, jul. 2005.

JORGE, Sebastião Barros. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão: 1821 a 1841**. São Luís: EDUFMA, 1987, 117 p.

JORGE, Sebastião. **A censura na imprensa do Maranhão**. Revista Cambiassu, São Luís, v. 16, n. 2, jan./ dez. 2006.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 41-191.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Crônica e reportagem**: em busca de um jornalismo para o século XXI. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjQF&url=http%3A%2F%2Fmasao.files.wordpress.com%2F2010%2F02%2Fcronica-e-reportagem.doc&ei=rrGfUd78ObK44APb84CYBA&usg=AFQjCNGy_h8dx7VSTM3SArFo_rwLY-GUOA&bvm=bv.47008514,d.dmg>. Acesso em: 05 maio 2012.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. **Animus** – revista interamericana de comunicação midiática. v. 9, n. 18, jul./dez. 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: História do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. il. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2001. p. 287-322.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. **Comunicação & Sociedade**: Dossiê 200 anos de imprensa brasileira, São Bernardo do Campo, Póscometodista, v. 29, n. 49, p. 43-64, 2º sem. 2007.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Impressos no Maranhão: uma primeira leitura sobre a fundação da imprensa local. In: **ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO FLORIANOPÓLIS**, 2., 15-17 abr. 2004.

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo**: a imprensa no Maranhão. São Paulo: Siciliano, 2001.

O BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO: os desafios e as novas abordagens no hodierno contexto

Raimunda Fernanda dos Santos¹
Prof.^a Dr.^a Eliane Ferreira da Silva²

RESUMO

Estuda a Arquitetura da Informação e a organização da memória documental em ambiente digital. Analisa o contexto biblioteconômico e suas práticas de gestão da informação com vistas a prestar serviços de qualidade na organização de sistemas de preservação e difusão do patrimônio histórico da sociedade. Objetiva identificar a importância do profissional da informação como Arquiteto da Informação na estruturação de websites visando à qualidade da disponibilidade e encontrabilidade do patrimônio histórico em meio digital. Utiliza como metodologia pesquisas bibliográficas e eletrônicas que subsidiaram o desenvolvimento da pesquisa. Aborda também a reflexão de que os sistemas de preservação e difusão da memória digital devem ser ergonômicos atuando através de serviços com mecanismos de descrição arquivística e interface de fácil acesso para que o usuário possa ter uma navegação estrutural com tecnologia assistiva que visa a e-acessibilidade. Conclui relacionando o papel biblioteconômico em prol da boa ergonomia da Arquitetura da Informação na perspectiva de serviços intuitivos que promovam acessibilidade. Enfatiza ainda a necessidade de ampliar os estudos sobre a interação homem-computador (IHC).

Palavras-chave: Gestão da Informação. Memória Documental. Arquitetura da Informação.

1 Aluna de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Grande do Norte (UFRN/NATAL). E-mail: nanda_florania@hotmail.com.

2 Prof.^a Dr.^a do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/NATAL). E-mail: Eliane.ufrn@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O mundo globalizado hodierno, com o advento das redes sociais, oferece milhares de informações que são divulgadas e acessíveis através de diferentes tecnologias de informação em redes. A tecnologia renova-se com velocidade e, conseqüentemente, a quantidade de informações disponíveis na web continua aumentando. Nesse cenário, apontamos aqui a preocupação com a concepção dos ambientes digitais e com as técnicas biblioteconômicas a fim de preparar o futuro das informações que estão disponíveis em suportes tradicionais e em ambientes analógicos, as quais fazem parte da memória documental, com o objetivo de garantir nossa história para gerações hodiernas e futuras.

Atualmente as práticas biblioteconômicas consistem também na organização de sistemas eletrônicos de gerenciamento de documentos de diferentes mídias e, com a preocupação acima supracitada, isso implica também em transferir os dados armazenados em formatos tecnológicos que atualmente estão obsoletos (fita cassete, disquete, disco de vinil, etc.) para sistemas de informação na web. Portanto, as estratégias de preservação digital devem tentar superar as limitações dos recursos digitais, pois os suportes magnéticos ou ópticos podem, ao longo dos anos, se tornar obsoletos, impossibilitando o acesso à informação.

Isso implica na atuação do profissional da informação como Arquiteto da Informação na estruturação de websites, visando à qualidade da disponibilidade e encontrabilidade do patrimônio histórico em meio digital, a fim de possibilitar a garantia do acesso às gerações futuras através de um sistema intuitivo que promova acessibilidade e segurança contra alterações e outras vulnerabilidades.

Este trabalho é de grande relevância para a comunidade

de profissionais Bibliotecários e para nós que somos futuros profissionais da informação, pois o fazer bibliotecário através das práticas de organizar as informações em ambiente digital se tornou um diferencial na formação de produtos informacionais que visam à usabilidade, acessibilidade e recuperabilidade.

Sem uma arquitetura da informação de qualidade não há como um site ser utilizado e acessível de forma plena. Por isso, objetivamos identificar a importância do bibliotecário como Arquiteto da Informação, contribuindo no processo de produção, adequação e gerenciamento de serviços informacionais que visem à disponibilidade e encontrabilidade do patrimônio histórico de uma sociedade em meio digital, a fim de possibilitar o acesso às gerações atuais e futuras.

Assim, deseja-se destacar a tarefa, nada fácil, da atuação constante do bibliotecário no processo de organização, de rotulação, de navegação e de busca (os quatro componentes da AI); dedicando-se como arquiteto da informação em contribuir para a acessibilidade de sistemas informacionais. Esses e alguns outros aspectos serão abordados neste trabalho que utiliza como metodologia pesquisas bibliográficas e eletrônicas as quais subsidiaram o desenvolvimento desta pesquisa.

2 A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO E O FAZER BIBLIOTECONÔMICO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA DOCUMENTAL EM AMBIENTE DIGITAL

Atualmente, com as inovações tecnológicas e a globalização da informação, sabemos que o trabalho do profissional bibliotecário deixou de ser apenas relacionado à organização de bibliotecas. O suporte deixou de ser apenas o livro tradicional em papel e passou a ser integrado em todos os tipos de mídias que necessitem da organização da informação para o seu acesso de

uma maneira rápida e eficiente.

Sob esse viés, a transferência da informação sofre impacto pelo uso da Internet. Sendo assim, os bibliotecários precisam conhecer, adaptar-se e envolver-se com esse novo ciclo interagindo nas etapas de criação, reestruturação e representação da informação até a disseminação e seu uso.

Assim, no hodierno contexto a gestão da informação está atrelada à tecnologia, não podemos deixar de apontar a preocupação com o futuro dos meios e, conseqüentemente, com a disponibilidade e o futuro das informações que fazem parte do patrimônio histórico, a fim de garantir nossa história para gerações atuais e futuras. Tal preocupação aponta a necessidade de implementação de sistemas eletrônicos para o gerenciamento de documentos de arquivo.

Para dar segmento a essa consideração, mencionamos aqui a relação entre a memória e tecnologia ao longo da história da humanidade, pois não sabemos até quando se utilizará os suportes tradicionais dos registros de documentos. Faz-se também necessário a preocupação de transferência de dados armazenados em formatos tecnológicos que atualmente estão obsoletos (fita cassete, disquete, disco de vinil etc.) para sistemas de informação na web. Dessa forma, tenta-se superar as limitações dos recursos digitais os quais impossibilitam o acesso às informações que fazem parte da memória documental para gerações atuais e futuras.

Dentre algumas estratégias de preservação apontadas pelo Digital Preservation Test (apud SARAMAGO, 2002) para sabermos lidar com a obsolescência tecnológica, destacamos algumas, tais como:

a) Preservação Tecnológica: Trata-se de uma estratégia complexa a nível tecnológico, referindo-se ao Software e ao Hardware. Devemos ver se ambos estão em condição de disponibilizar as informações ali contidas.

b) Emulação: Consiste na reprodução do ambiente original onde foi criado o documento, aliança entre sistema operacional e software aplicativo. Sendo, contudo, necessário uma descrição da tecnologia usada durante a criação do recurso. Esta talvez seja a única solução que propõe fidedignidade na forma original do documento.

c) Migração: a mais comum das estratégias de preservação. Consiste na disponibilidade permanente de informações, adaptando os recursos digitais ao novo ambiente antes ou em decorrência da obsolescência do hardware e do software.

Podemos perceber então que as estratégias de preservação tentam superar as limitações dos recursos para que possam tornar acessíveis às informações para os usuários. Destacamos o fato de que estas estratégias partem das considerações sobre o papel que, historicamente, as tecnologias vêm desempenhando na preservação da memória.

Contudo, somente técnicas de preservação da memória documental não asseguram o uso dessas informações pela geração atual e futura, pois pressupõe também a possibilidade de sua recuperação. Se uma memória documental não pode ser recuperada em um ambiente, ela é inexistente na prática, nunca mais será alvo de comprovação das veracidade dos fatos.

Dessa forma, segundo Blattmann, Fachin e Rados (2000) a era digital provoca mudanças de perfis referentes aos profissionais que selecionam, organizam, recuperam e disseminam a informação. Nesse caso, o profissional Bibliotecário leva em consideração a comunicação realizada pelas redes onde trafegam informações no formato digital. Em consonância surge no mercado de trabalho um novo perfil deste profissional, que pode ser considerado um "Arquiteto da Informação" em ambiente Web, tendo como objetivo a acessibilidade, a usabilidade, a flexibilidade, a velocidade e a quebra de espaços geográficos.

Segundo Morville e Rosenfeld (2006, p. 4), “[...] a Arquitetura da Informação (AI) é a arte e a ciência de organizar, estruturar e categorizar a informação para torná-la mais fácil de encontrar e controlar [...]”. Dessa forma, pretende-se elaborar produtos informacionais de maneira coerente para que possa ser acessível aos usuários.

Para dar segmento a essa consideração, é necessário destacar a importância do Arquiteto da Informação resultante do crescimento da população de pessoas comuns conectadas aos aspectos informacionais. Assim, a necessidade é de se criar mecanismos informacionais mais aceitáveis pelos usuários, o que requer uma maior compreensão do comportamento humano e seus aspectos cognitivos durante a integração com sistemas informatizados.

Para Reis (apud SILVA; ATAIDE DIAS, 2008), atender às necessidades de informação dos usuários é o grande objetivo do arquiteto da informação na web, através da organização da informação em websites, de forma que os usuários consigam encontrá-las e alcancem seus objetivos.

Portanto, o papel do bibliotecário na web é trabalhar em prol da boa ergonomia da Arquitetura da informação na perspectiva de melhores serviços e na organização de conteúdo de websites com a preocupação de tornar as informações mais compreensíveis.

3 A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTE WEB

O fazer biblioteconômico na gestão documental de diferentes espécies de documentos que constituem acervos históricos consiste na aplicação das novas tecnologias como meio mais eficaz na disseminação da informação. Tais aplicações

servem para uma nova elaboração do cenário histórico (em meio digital) para que se possa traçar uma linha do tempo do patrimônio histórico da sociedade.

Segundo Noruzi (2011), os infinitos recursos encontrados na web são otimizados pela experiência e pelas competências construídas pelo profissional bibliotecário para a organização da estrutura do wireframe de sites na web e seu conteúdo através de sistemas de navegação e de busca.

A partir disso, no ambiente web é perceptível a necessidade de atender e satisfazer a demanda informacional dos usuários que se tornam pontos-chaves desse processo. Nesse contexto, dentre as atividades desenvolvidas pelo profissional bibliotecário para atender essa necessidade, podemos ressaltar o tratamento da informação através da hierarquização e categorização da informação de forma a facilitar a recuperação da informação por parte dos usuários com fins de mapeamento da informação contida na web.

Assim, o bibliotecário como profissional da informação deve prestar serviços de qualidade na organização de conteúdo de sites, visando à preocupação de tornar as informações mais compreensíveis e com a qualidade de encontrabilidade ou findability que, conforme destacado por Morville (2006), em linhas gerais, do inglês, significa a qualidade de ser encontrado na internet através de mecanismos de busca.

Para dar segmento ao argumento, Agner (2009) afirma que os sistemas de informação precisam ser mais ergonômicos. Por outro lado, quando nos referimos à ergonomia não estamos direcionando apenas à preocupação com o conforto físico; mas nas melhores formas de apresentar informação de qualidade para os usuários. Pois, por sua vez, a ergonomia nos sistemas de informação preocupa-se na disponibilidade de sistemas amigáveis que atuem com mecanismos de busca, interface de fácil acesso

com princípios de usabilidade e tecnologia assistiva. Ela visa a e-acessibilidade, disponibiliza serviços que proporcionem e ampliem as habilidades funcionais dos usuários com deficiência temporária ou efetiva.

Contudo, atualmente os mecanismos de busca e interação apresentam um grande número de páginas, com pouca precisão na web, o que dificulta o processo de recuperação das informações pertinentes. Portanto, necessita-se de sistemas que sejam intuitivos e que promovam vida independente, visando a autonomia e, conseqüentemente, acessibilidade.

4 PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS E GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÕES DE QUALIDADE

A evolução das tecnologias utilizadas em ambientes informacionais deve ser acompanhada e entendida pelos profissionais da informação. Nesse contexto, percebe-se que:

Ferramentas para identificar e localizar informação relevante não cresceram em efetividade na mesma taxa explosiva que a quantidade de informação disponível. Conseqüentemente, nossa habilidade para encontrar, revisar e usar a informação é limitada e também contribui para os sentimentos de sobrecarga de informação. (MORROGH, 2003, p. 99).

Contudo, conforme Wurman (2001), “[...] os arquitetos de informação eficazes tornam o complexo claro, eles tornam a informação inteligível para outros seres humanos [...]”.

Diante disso, para amenizar o problema de sobrecarga de informação o arquiteto da informação deve possuir a habilidade de desenvolver ferramentas de gerenciamento de informação que sejam fáceis de usar e mais sofisticadas. Tal tarefa está relacionada

também com o profissional bibliotecário que organiza, representa e dissemina a informação necessária para atender as necessidades dos usuários.

Para dar segmento ao argumento, é preciso enfatizar que a interface é um fator relevante que contribui para a usabilidade de websites, pois é o instrumento em que o usuário utiliza para fazer buscas e visualizar as informações que o mesmo necessita. Porém, o grande problema é que, na maioria das vezes, são os profissionais da área de informática quem desenvolvem as interfaces de busca, o que acarreta uma gama de problemas devido à falta de experiência em relação ao serviço que o website irá prestar e, por vezes, limitada a uma visão apenas tecnicista. Nesse sentido, o Bibliotecário como profissional da informação, deve fazer estudos sobre o acesso a sistemas de informação a fim de facilitar a Interação Humano-Máquina (IHC).

Todavia, para promover a qualidade das interfaces e, conseqüentemente, a usabilidade dos sistemas de informação, é de grande importância que haja uma parceria entre os profissionais da área de informática, e os bibliotecários para a otimização das interfaces visando facilitar a vida dos usuários. Nesse sentido, ressaltamos a importância da visão e atuação interdisciplinar no processo.

5 CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi mencionado anteriormente, é de notável conhecimento que, no mundo globalizado, o fazer biblioteconômico em ambiente digital também está destinado à prática de preparar o futuro das informações que estão disponíveis em suportes tradicionais, as quais fazem parte da memória documental da sociedade, com o objetivo de garantir a nossa história para gerações atuais e futuras. Dessa forma, torna-

se necessário a preservação e disponibilidade dessas informações em ambiente Web.

Essas práticas exigem também a atuação do profissional bibliotecário como Arquiteto da Informação na estruturação de websites visando à qualidade da disponibilidade e da encontrabilidade do patrimônio histórico em ambiente digital.

Nesse contexto, podemos perceber que o descongestionamento de tudo o que for direcionado ao fluxo de informação e a construção de ambientes que proporcionem usabilidade construtiva é um diferencial do fazer biblioteconômico em ambiente digital.

Sob esse viés, o papel do bibliotecário está relacionado à boa ergonomia da arquitetura da informação. Portanto, em harmonia com as recentes demandas informacionais, como profissional da informação, o bibliotecário também irá preocupar-se com a disponibilidade e a acessibilidade. Isso visa tornar os sistemas cada vez mais amigáveis diante de novos recursos que surjam, e que possa desempenhar-se de forma a otimizar melhores estratégias relacionadas aos mecanismos de busca, a interface de fácil acesso, na perspectiva de melhores serviços e produtos para os usuários de websites.

Outrossim, necessita-se de ampliação dos estudos sobre a Interação Humano-computador (IHC). O objetivo maior é o de formar sistemas cada vez melhores, em constante atualização e adaptação, que sejam intuitivos e que promovam a vida independente, a autonomia e a acessibilidade, tendo em vista que o usuário é a dimensão fundamental de qualquer sistema de informação, ele é o protagonista indiscutível no estudo de qualquer processo informativo.

Esta perspectiva também requer a necessidade do fazer biblioteconômico para o processo de adequação e gerenciamento de serviços informacionais direcionados à esse campo. Porém,

esse novo cenário requer a tarefa do Bibliotecário conhecer as novas tecnologias de informação e refletir em estratégias para que possa usá-las como ferramentas úteis na execução e otimização de suas tarefas.

THE LIBRARIAN AS ARCHITECT OF INFORMATION: challenges and new approaches in today's context

ABSTRACT

Studies the Information Architecture and memory organization documentary in the digital environment. Analyzes the context librarian and their information management practices in order to provide quality services in the organization of systems of preservation and dissemination of historical society. Aims to identify the importance of the information professional as Information Architect in structuring websites aiming at the quality and the availability of historical findability in a digital medium. Methodology uses as electronic literature searches and assisting in the development of research. It also discusses the reflection that systems preservation and dissemination of digital memory should be ergonomic working through service with mechanisms for archival description interface and easily accessible so that the user can have a breadcrumb assistive technology aimed at e-accessibility. Paper concludes by relating the librarian to promote good ergonomics Information Architecture from the perspective of intuitive services that promote accessibility. Emphasizes the need to expand the studies on human-computer interaction (HCI).

Keywords: Information Management. Memory Documentary. Information Architecture.

REFERÊNCIAS

AGNER, Luiz. **Ergodesign e arquitetura da informação: trabalhando com o usuário.** Rio de Janeiro: Quarter, 2009.

BLATTMANN, Ursula; FACHIN, Gleisy Regina Bories; RADOS, Gregório J. Varvakis. **Bibliotecário na posição do**

arquiteto da informação em ambiente web. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Florianópolis, 2000.

KASPRZAK, Silvia Maria Fonseca. **Arquitetura da informação e a interação homem-computador.** 2006. 50f. Monografia (Gestão da Informação, Setor de Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

MORROGH, E. **Information architecture: An Emerging 21st Century Profession.** New Jersey: Prentice Hall, 2003.

MORVILLE, Peter. **Ambient findability.** Sebastopol, CA: O'Reilly, 2005.

MORVILLE, Peter; ROSENFELD, Louis. **Information architecture for the world wide web.** Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.

NEGREIROS, Leandro Ribeiro. **Sistemas eletrônicos de gerenciamento de documentos arquivísticos: um questionário para escolha, aplicação e avaliação.** 2007. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

NORUZI, A. **Application of Ranganathan's laws to the web.** 2004. Webology, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.webology.ir/2004/v1n2/a8.html>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SARAMAGO, Maria de Lurdes. Metadados para preservação digital e aplicação do modelo OAIS. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E

DOCUMENTALISTAS, 8, Estoril, 2004. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2004. Disponível em: <<http://badinfo.apbad.pt/congresso8/comm2.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

SILVA, Patrícia Maria da; ATAÍDE DIAS, Guilherme. A Arquitetura da Informação Centrada no Usuário: Estudo do Website da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. **Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 26, 2008.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão.** São Paulo: Cultura, 2001.

A BIBLIOTECA ESCOLAR WILSON MARQUES: diagnóstico da situação e satisfação dos usuários

Eliane Florencio da Silva¹

Lílian Gatinho Santos¹

Márcio André Pereira da Silva¹

Mônia Lorena do Nascimento da Silva¹

RESUMO

O referido artigo surgiu a partir de um diagnóstico feito numa biblioteca escolar de uma escola particular e por ser uma unidade de informação criada recentemente e apresentar deficiências em alguns aspectos importantes. Descreve o processo pelo qual o diagnóstico foi desenvolvido. Identifica e ponderam pontos positivos e negativos com vistas a conhecer o atendimento, acervo, estrutura física e mobiliária, assim como ela é vista tanto pela escola como pelos alunos.

Palavras-chave: Diagnóstico de biblioteca. Biblioteca escolar. Biblioteca Wilson Marques.

1 INTRODUÇÃO

Para que uma Unidade de Informação, como uma Biblioteca Escolar, esteja sempre em desenvolvimento contínuo dos seus produtos e serviços é necessário que realize com frequência um diagnóstico para conhecer quais fatores estão apresentando desempenho favorável e desfavorável em seu andamento na instituição a qual está subordinada. Mas o que é um diagnóstico? Lima (2010, p. 20) afirma que “Diagnóstico organizacional é uma radiografia da situação atual da empresa e de seu sistema de gestão.”, ou seja, é um exame criterioso das atuais condições de uma organização. Esse diagnóstico quando aplicado, segundo

¹ Graduandos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Almeida (2005, p. 56)

[...] compara-se o estado encontrado com o estado desejado, avalia-se a eficiência com base em algum padrão estabelecido (a satisfação do usuário, por exemplo) e procuram-se caminhos para diminuir a distância entre a situação existente e a situação desejada.

Contribuindo com esse pensamento, Maciel (1997, p. 19 apud Dziekaniak, 2003, p. 158) pontua que “[...] o diagnóstico oferece ao bibliotecário uma visão abrangente da realidade em foco, permitindo a localização dos problemas, possibilitando tomada de decisões coerentes e o direcionamento correto do esforço de trabalho.”

A configuração do diagnóstico realizou-se primeiramente, por meio de visita a escola onde tivemos acesso à biblioteca por intermédio da bibliotecária Dayse Maysa. Neste dia foi realizada uma entrevista estruturada, onde por meio da mesma foram colhidas informações sobre o histórico e os trabalhos desenvolvidos.

Em outro momento, foram aplicados o pré-teste com alunos lotados entre o 1º e o 9º ano do turno vespertino, onde foram escolhidos, de maneira aleatória três alunos que responderam questionários com perguntas abertas e fechadas contendo quinze questões. Na aplicação dos questionários definitivos foram escolhidos aleatoriamente, dentro do campo delimitado, o número de quinze alunos representando a amostra de 10% do universo de usuários reais da biblioteca no turno vespertino que gira em torno de cento e cinquenta alunos dos quais apenas treze entregaram os questionários respondidos e dois foram extraviados. Foi feita uma nova tentativa para que se completasse o número exato da porcentagem estabelecida, com a aplicação de mais dois questionários, onde apenas um foi devolvido. Do

total de quatorze alunos entrevistado, 75% são meninas e os demais 25% de meninos e sua faixa etária mais representativa, de 10 a 12 anos foi de 64,2%. Em seguida foi feita análise dos resultados provenientes dos questionários, concomitantemente à pesquisa bibliográfica, onde foram utilizados os autores Cibele Vasconcelos Dziekaniak (2003) e Maria Christina Barbosa de Almeida (2005).

Na construção desse artigo, abordaremos inicialmente o histórico da escola e da biblioteca investigada, seguido da apresentação dos dados sobre a pesquisa no qual são analisadas a estrutura da biblioteca, acervo, dentre outras questões.

2 HISTÓRICO DA ESCOLA

A escola tem como princípio um referencial educacional diferenciado, na busca de atender a comunidade local e tornar-se um marco e referência de qualidade no objetivo de formar cidadãos felizes e uma sociedade mais justa e rica culturalmente. São ofertados a Educação Infantil, e o Ensino Fundamental menor e maior.

Possui proposta pedagógica, documento de referência e traduz a oportunidade de escolher o currículo necessário à prática de um ensino de qualidade, focado no desenvolvimento dos alunos dentro e, principalmente fora dos muros da escola. Esta proposta foi construída coletivamente, com a equipe pedagógica e os familiares dos alunos, com a finalidade de uma melhor proposta educacional aos alunos. A escola segue a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996.

Baseia-se na teoria de Vygotsky (1998) que segundo ele “[...] O conhecimento é construído durante as interações entre os indivíduos em sociedade, desencadeando o aprendizado.” A aprendizagem é o produto do meio, de quem esta à cima, no

caso, os pais ou professores. Eles têm que construir um ambiente favorável para que as crianças assimilem o conhecimento, essa assimilação deve ocorrer com interações: pais e crianças, professores e alunos, escola, professor e alunos. E nunca diminuir a cognição delas. Devem exigir ao máximo das crianças no processo de aprendizagem, sem deixar de visualizar a idade delas.

A escola trabalha com o organograma horizontal onde todos os setores são valorizados igualmente. Todas as funções de coordenações são tratadas horizontalmente, visto, que na escola não há um setor mais importante, apenas um complementa o outro e estão interligadas. Se não existisse essa cooperação entre setores a escola não ofereceria um ensino de qualidade. Percebe-se nessa afirmativa, que embora a coordenação pedagógica esteja ligada a todos os setores da escola, constatamos que perante a biblioteca isso não ocorre. Pela falta de projeto que integre com maior desenvoltura o papel da biblioteca, com projetos que sejam realizados periodicamente, práticas de leituras, acervos atualizados para que os alunos possam ter o prazer de ler, entre outros. Mas, os projetos existentes têm por característica cumprir o cronograma da escola do que valorizar a leitura e despertar o gosto pela literatura.

2.1 Histórico da biblioteca Wilson Marques

O histórico da biblioteca foi construído a partir da entrevista com a bibliotecária atual da unidade de informação, que iniciou os seus serviços ainda como estagiária em julho de 2011, período em que a biblioteca ainda não existia, havia apenas uma sala reservada à futura biblioteca onde funcionava como depósito de livros didáticos. A inauguração da Biblioteca deu-se 2 meses após a sua contratação. Segundo Fonseca (2009) a biblioteca escolar é um

Centro ativo de aprendizagem, onde a função de comunicação é exercida em sua plenitude. É instrumento de inovação, capaz de formar o indivíduo para aprender de forma permanente. Deve estar definida na estrutura do estabelecimento de ensino, com normas e organização e funcionamento para facilitar o ensino e aprendizagem.

De acordo com a visão da bibliotecária, a biblioteca não participa diretamente do desenvolvimento dos projetos pedagógicos junto aos professores. Ela acredita que a biblioteca poderia ser mais presente no projeto pedagógico da escola, principalmente na elaboração do calendário acadêmico, mas essa situação não é produzida por parte da biblioteca ou de seus funcionários. Segundo ela, a biblioteca se esforça bastante para aparecer no ambiente escolar e para isso lança mão de projetos mensais para apoiar os projetos pedagógicos. Ela dá exemplo do Projeto Poesia (voltado para o público do 1º a 5º ano). Neste projeto a biblioteca participou realizando uma exposição de cordel para apoiar as atividades. O único projeto, até então, obrigatório para a biblioteca, por estar inserido no calendário acadêmico é o projeto A semana do Livro realizado em abril.

No quesito acessibilidade a biblioteca pode ser considerada como acessível tendo em vista sua localização, ficando na entrada da escola à vista dos alunos.

No que se refere a acervo, a biblioteca é composta, em maior parte, por livros didáticos, o que representa uma situação desfavorável para a biblioteca já que os maiores beneficiados por eles são os professores. Os livros são enviados da coordenação à biblioteca ou originários de doações feitas por pais e editoras em sua maioria. Grande parte dos gibis do acervo são doações de alunos. Isso acontece por falta de uma política de desenvolvimento de coleções, como foi informado pela bibliotecária.

Um dos projetos em vista de desenvolvimento é o projeto da Textoteca – direcionado aos alunos 6º ao 9º ano. O referido projeto visa contribuir para amenizar as dificuldades de leitura de livros. A bibliotecária realizou a seleção de textos, crônicas e poemas de humor para suscitar o gosto pela leitura, com um tipo de leitura que traga prazer. Um dos objetivos deste projeto é, também, suprir a deficiência de material.

Além desse, outro projeto, destacado pela bibliotecária, cujos alunos demonstram muita satisfação em participar é o Clube da Leitura, desenvolvido com alunos do 1º ao 5º ano, onde eles levam o livro para casa, e na escola se reúnem em grupo para que cada aluno conte a história do livro que escolheu e compartilhe a história com os colegas. Os alunos aprendem e despertam o gosto da leitura no coleguinha.

Os alunos do Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º ano) também têm vez na biblioteca, porém, apresentam dificuldades em realizar atividades por conta do horário de aula ser mais apertado, deixando disponível apenas o horário do intervalo que é usado para o lanche e a brincadeira. Esses alunos procuram os Best-sellers como o Código da Vinci, Harry Potter e Crônicas de Nárnia. Ainda não existentes na biblioteca.

3 A BIBLIOTECA WILSON MARQUES: um olhar sobre o que pensam os usuários serviços oferecidos

Apresentamos o resultado do diagnóstico, primeiramente será exibida uma tabela elaborada a partir dos critérios que foram escolhidos para a observação de seus pontos fortes e fracos. Dessa forma, segue abaixo a referida tabela.

Tabela 1 - Tabela dos pontos fortes e fracos.

CRITÉRIOS	PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
Acervo	Fontes de informação diversificadas	Tamanho reduzido Composto em sua maioria por livros didáticos e ausência de Best-sellers, livros em Braille e em áudio.
	Atualizado	Não possui política de aquisição, doação e desbastamento. Não possui as obras solicitadas pelos alunos.
Estrutura Física	Boa localização	Tamanho reduzido para atender ao número de usuários
	Climatizada	
Colaboradores	Graduados em Biblioteconomia	A biblioteca não recebe apoio da instituição e não participa do Planejamento Escolar
Mobiliário	Estantes da altura dos alunos	As mesas e cadeiras não condiz com a faixa etária dos alunos
Recursos	Acervo diversificado	Ausência de recursos tecnológicos (ex: computador e impressora)
		Ausência de caixa de sugestões

Fonte: Diagnóstico da Biblioteca Escolar.

Se tratando do acervo, verificou-se que ele é atualizado e também diversificado, pois abrange toda a comunidade escolar da instituição e possui diferentes recursos de informação como, livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, atlas, dicionários, gibis, revistas, filmes infantis em DVD, jogos infantis, pop up, livros de tecido, fantoches e também esqueletos representativos do corpo humano para aulas expositivas de ciências. Porém, um ponto importante a ser considerado é o fato da escola ter em seu quadro de alunos, dois alunos especiais sendo um deficiente visual e um deficiente auditivo parcial. A bibliotecária relata que infelizmente a biblioteca ainda não dispõe de livros em braile, somente de livros palpáveis e em pequena quantidade.

No tocante aos seus pontos negativos verificou-se que o tamanho do acervo é reduzido, pois é constituído em sua maioria por livros didáticos, e detectamos que a biblioteca também é utilizada como depósito para guarda dos livros. A porcentagem de 71,4% dos alunos entrevistados consideram os livros do acervo regulares, o que implica que eles não estão agradando ou suprimindo as expectativas dos alunos. Além disso, a bibliotecária nos relatou que há um entrave junto à gestão da instituição de ensino, pois, os livros solicitados e considerados por ela importantes não são adquiridos pela instituição. Resultado dessa situação é que os alunos do fundamental são prejudicados por não terem acesso a livros de seu interesse e isso acaba afastando os alunos da biblioteca.

Outro ponto detectado foi a ausência de política de aquisição, doação e desbastamento, sendo que o acervo em sua maioria é composto por livros doados por editoras e pais de alunos e as únicas coleções de fato adquiridas através de pedido da bibliotecária pela instituição foram a de Monteiro Lobato e

Chris Hans Christian Andersen, mártires da literatura nacional e mundial respectivamente.

Sobre a estrutura física observou-se que a biblioteca está bem localizada, logo na entrada da instituição e devidamente climatizada, correspondendo às necessidades do acervo e usuários. Apresenta como ponto negativo seu espaço físico reduzido visando o número de alunos e as atividades realizadas na mesma e também, impossibilita que novas aquisições sejam feitas já que não haveria lugar disponível para acomodá-las.

A respeito dos colaboradores notou-se que a bibliotecária é graduada em Biblioteconomia e a estagiária é graduanda também do mesmo curso. A característica negativa encontrada foi que a biblioteca não tem apoio devido da instituição e não participa diretamente do Planejamento Escolar ficando de fora de todas as reuniões, sendo apenas solicitada nos projetos escolares que necessitam do auxílio da biblioteca.

Outro quesito observado durante a realização do diagnóstico foi que as estantes são de altura reduzida para facilitar o acesso dos alunos aos livros e isso é um ponto positivo da biblioteca, porém, essa preocupação não foi considerada da mesma maneira em relação às mesas que além de serem de vidro, são de tamanho normal e altura elevada, as cadeiras não são ergonômicas e não atende a todas as faixas etárias assistida na instituição.

Referente aos recursos oferecidos pela biblioteca, eles são relativamente diversificados, pois além dos tradicionais livros identificou-se a existência de outros recursos pedagógicos como esqueleto completo, crânio e tronco, arcada dentária e escova para as aulas de higiene bucal, além dos já citados anteriormente ao abordarmos sobre acervo. Estes recursos são utilizados para dinamizar as aulas, favorecendo a assimilação dos conteúdos.

No entanto, também foram encontrados dos pontos negativos como a ausência de recursos tecnológicos como computadores e

impressora e, isso acarreta consequências como a dificuldade na realização do trabalho da bibliotecária, pois ela fica desprovida de ferramentas para o atendimento, o registro dos materiais do acervo e controle de empréstimo e mesmo consulta dos alunos à internet. Esse fator certamente atrapalha o andamento favorável dos serviços da biblioteca, chegando inclusive a ser percebido pelos alunos onde 100% os entrevistados manifestaram o interesse de que a biblioteca possuísse computadores com acesso à internet. Espera-se que este quesito seja considerado pela gestão da escola já que de acordo com a entrevista 71,6% buscam primeiramente a biblioteca quando precisam realizar uma pesquisa.

Um fator encontrado no diagnóstico foi à falta de uma caixa de sugestão, visto que essa é importante para que os alunos expressem seus pedidos e ponto de vista, o que pode contribuir na melhoria dos serviços prestados nesta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proporciona uma visão geral da instituição, o que é considerado extremamente proveitoso, pois, diante das análises feitas a biblioteca, as características e questões se aprimoraram no decorrer da pesquisa, assim como o trabalho realizado e os objetivos previamente traçados que, em parte, foram alcançados, fato que nos habilita a concluir que é de necessária importância que a biblioteca escolar possa ter o suporte necessário para exercer de fato a sua função na escola, justificando inclusive sua existência na instituição de ensino e cumprindo seu papel de auxiliar na construção educacional do cidadão. Tendo em vista a omissão da bibliotecária dentro da biblioteca, afirmamos que as situações negativas da unidade de informação poderiam ser sanadas caso a ela se posicionasse de maneira a expor as necessidades percebidas.

Frisamos também a importância da existência e atuação do

bibliotecário em uma biblioteca escolar, assim como também nos remete os resultados do diagnóstico aqui apresentado. A tarefa do bibliotecário deve ser cumprida com excelência e motivação, pois o bibliotecário é responsável pela disseminação e recuperação da informação e poderá transmiti-la de maneira equivalente, contribuindo, juntamente à escola no aprimoramento da bagagem de conhecimento do aluno e construção de seu pensamento crítico.

Enfim, ambas, biblioteca e escola, devem envolver-se e também trabalhar em parceria com a sociedade para que conheçam a realidade na qual estão inseridas, transformando e modificando atitudes de empatia em ações contextualizadas e inovadoras para a escola. Para tanto, é necessário que os gestores e bibliotecários se empenhem periodicamente em avaliar as condições, tanto da escola como da biblioteca, que é o nosso foco principal para estarem constantemente buscando melhorar o que já se considera positivo, além de sanar os erros e deficiências próprias de toda e qualquer organização.

THE LIBRARY SCHOOL WILSON MARQUES: diagnosis of the situation and Satisfaction

ABSTRACT

The article came from a diagnosis made in a school library in a private school and being a unit of information created recently and have deficiencies in some important respects. Describes the process by which the diagnosis has been developed. Identify and weigh the positives and negatives with order to meet the care, describes the process by which the diagnosis was developed, collection, physical structure and securities, as it is seen by both the school and the students.

Keywords: Diagnosis of library. School library. Wilson Marques Library.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. B. de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. Ver. e amp. Brasília: Briquet de Lemos, 2005. Cap. 4.

AMORIM, D. S. **Teoria de Vygotsky nos processos de ensino-aprendizagem de física**. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAe6owAL/teoria-vygotsky-nos-processos-ensino-aprendizagem-fisica>>. Acesso em 20 fev. 2013.

DZIEKANIAK, C. V. **Sistema de gestão para biblioteca universitária**. Dissertação. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria: 2003. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_arquivos/12/TDE-2009-09-15T151552Z-2235/Publico/DZIEKANIAK,%20CIBELE%20VASCONCELOS.pdf>. Acesso em 20 fev. 2013.

FONSECA, T. F. Biblioteca escolar. In: **Unidades de informação**. Formiga, UNIFOR- MG, 2009.

LIMA, L. F. de. **Diagnóstico organizacional: uma análise em uma empresa de empréstimos e créditos no Norte Pioneiro**. Monografia. Universidade do Norte do Paraná: Bandeirantes: 2010. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/resources/files/_modules/academics/academics_3102_2010113013093825b9.pdf>. Acesso em 20 fev. 2013.

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

GESTÃO DO ACERVO DE BIBLIOTECAS: softwares para controle e manutenção do acervo

Núbia Medeiros Licá¹

RESUMO

Estudo acerca de softwares para controle e manutenção do acervo de bibliotecas. Apresenta breve explanação acerca da biblioteca como centro de informação, organismo detentor e organizador da informação, constituída de serviços e funções, tendo como foco principal seu usuário. Enfatiza acervo como coração da biblioteca, departamento constituído por toda informação de que a biblioteca dispõe. Aponta para a importância do estudo da comunidade de usuários à qual a biblioteca irá servir na fase de formação do acervo, além de pontos importantes a serem considerados nas fases de seleção e aquisição das obras que irão compor esse acervo. Ressalta a relevância do advento das tecnologias da informação para gerenciamento das atividades que compõem o sistema de administração de acervos de bibliotecas, bem como apresenta exemplos de softwares que podem ser utilizados para gerenciar o acervo.

Palavras-chave: Biblioteca. Acervo. Gerenciamento. Softwares.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da tecnologia e todo seu aparato tecnológico, algumas atividades comuns do dia-a-dia passaram por transformações. Essa realidade chegou às unidades de informação com a automação de seus processos técnicos, onde algumas atividades, como a produção de uma ficha catalográfica, passaram a ser executadas com a ajuda do computador ou por meio dele. Com isso, a biblioteca passou a depender da tecnologia e dos seus métodos para suprir algumas de suas necessidades, como

¹ Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

organizar os documentos, controlar os empréstimos, tratamento da informação (indexação), entre outras.

Neste contexto, a partir do momento em que a informação passa a ser gerada e registrada com mais facilidade, cresce a necessidade de organizá-la e um dos papéis fundamentais da biblioteca é o de organizar a informação. Contudo, essa atividade tornou-se cada vez mais complexa devido ao alto volume de informação gerado após a invenção da imprensa, que um foi maiores avanços tecnológicos no campo das Tecnologias da Informação.

O acervo é o principal setor da biblioteca, pois é nele que está armazenada toda a informação de que a biblioteca dispõe. No entanto, à medida que esse acervo se expande, conseqüentemente sua administração e todas as atividades envolvidas sofrerão impacto significativo. Como a biblioteca não é um organismo estático e está em constante crescimento, à necessidade por tecnologias que venham a facilitar essas atividades só aumenta.

Para tanto, existem os softwares aplicativos, que são programas de computador constituídos por um “[...] conjunto de comandos, instruções ou ordens elaboradas pelo cliente e/ou usuário para o computador cumprir, visando resolver problemas e desenvolver atividades ou tarefas específicas [...]” (REZENDE, 2008, p. 57). A utilização desses softwares para gerenciar o acervo de uma biblioteca facilita os processos e a prestação de serviços e a execução de tarefas como empréstimo, devoluções, COMUT, inventário, entre outras.

2 O ACERVO: coração da biblioteca, centro de informação e produção do conhecimento

Uma biblioteca tem como ponto principal o usuário, ou seja, aquele que fará uso do principal produto fornecido pela biblioteca:

a informação. Para Anthony (19-), a biblioteca é constituída de serviços e funções, e a análise destes revela a existência de circuitos que podem ser de documento, de informação e movimento dos usuários na biblioteca. As quatro etapas que constituem o circuito de documentos são aquisição (processo que será tratado detalhadamente mais adiante), catalogação (registro no sistema), exposição (para conhecimento dos usuários) e armazenamento destes no acervo.

A partir da elaboração de um projeto que comporte esses circuitos, pode-se visualizar melhor as funções a serem desenvolvidas no interior da unidade de informação e assim ter uma ideia geral de departamentalização, dividindo-a em setores, cada um com uma responsabilidade diferente, porém interligados e interdependentes, constituindo o sistema interno de serviços e funções da biblioteca.

No que concerne ao terceiro circuito que corresponde aos usuários, se faz necessário conhecer a instituição maior a que a unidade de informação está vinculada para que se tenha em mente o tipo de usuários que a frequentará e a partir daí obter informação útil acerca do comportamento desses usuários. Vale ressaltar que, de acordo com o sistema de busca da informação utilizado e os usuários a que se destina, pode ser necessário que se utilize meios de instrução de uso, como treinamentos, visitas orientadas etc.

Uma biblioteca deve ser pensada como local de ambiente agradável, silencioso e confortável, pois sendo um centro fornecedor de informação, deve oferecer a seus usuários condições apropriadas ao uso da informação, servindo de referência para outras pessoas que buscam sanar suas necessidades informacionais.

Para isso, se faz necessária a realização de um planejamento, onde serão analisados os fatores de influência no funcionamento interno da biblioteca e serão pensadas medidas a serem tomadas para que este funcionamento seja realizado da melhor

maneira possível, agradando aos usuários e favorecendo o bom relacionamento entre os funcionários.

A organização de uma unidade de informação, neste caso uma biblioteca, não pode ser pensada como uma atividade única, pois a mesma envolve e depende de várias etapas para que aconteça. Estas etapas constituem um processo que começa na aquisição do documento (neste contexto, livro, publicações periódicas e todo material que irá compor o acervo da biblioteca), onde acontece a fase de tombamento/registro, na qual o documento recebe uma identificação que será utilizada em todas as outras atividades/etapas pelas quais o documento passará.

Dentro deste processo, segue a fase de tratamento do documento, onde o mesmo é preparado para receber alguns aspectos necessários à sua identificação e ao controle dos serviços prestados pela biblioteca. Em seguida este documento precisa ser organizado nos locais adequados a ele, obedecendo a um modelo de arrumação preestabelecido pela biblioteca, constituindo assim seu acervo.

2.1 Gestão e formação do acervo: seleção, aquisição, composição e administração

O estudo da comunidade a qual a biblioteca irá servir tem papel fundamental na fase de formação do acervo, pois é a partir deste estudo que serão conhecidas as principais necessidades informacionais dessa comunidade.

Dentre os materiais que compõem o acervo de uma biblioteca estão impressos (livros, folhetos, periódicos etc.), audiovisuais (CD, DVD), publicações eletrônicas e objetos reais (moedas, pôsteres com relevo, globos). No entanto, alguns dos fatores que irão determinar o tamanho do acervo será o público a que se destina, bem como os recursos disponíveis para a aquisição.

A seleção é uma atividade de grande importância para os serviços de biblioteca, pois “[...] consiste na escolha, de acordo com os recursos financeiros existentes, dos materiais que irão compor um acervo compatível com as necessidades e interesses da comunidade servida [...]” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, não paginado). No processo de seleção é necessário se fazer perguntas como: Qual é o conteúdo das obras a serem selecionadas? A biblioteca precisa de material sobre esse assunto? Para quem é dirigido? A informação está atualizada?

A aquisição é o processo que implementa as decisões da seleção e o nível de complexidade das atividades de aquisição varia de acordo com as características de cada instituição. Neste contexto, o bibliotecário deve ter conhecimento das dotações orçamentárias, dos trâmites burocráticos da instituição mantenedora, cumprir prazos, estabelecer o controle dos gastos. Existem três modalidades de aquisição (que devem ser feitas de acordo com a realidade da instituição):

- a) Compra: é enviada uma lista às livrarias e/ou editoras para conhecimento dos preços, estes são analisados e, por fim, executa-se a compra;
- b) Doação: pode ser proveniente dos próprios usuários da biblioteca ou de instituições;
- c) Permuta: troca de obras entre bibliotecas.

É necessário avaliações periódicas no acervo da biblioteca para que sejam verificados o crescimento da coleção, se a demanda de informação da comunidade continua sendo atendida e as condições físicas em que se encontram os materiais. Dependendo de suas condições, o item pode ser remanejado ou recuperado.

Quando um item do acervo da biblioteca já não preenche mais as condições que justificaram sua aquisição, ele deve ser descartado, seja porque as necessidades informacionais da comunidade se modificaram, seja porque as informações por ele

veiculadas ficaram desatualizadas. O descarte é uma atividade que está ligada ao desbastamento e irá garantir mais espaço à biblioteca, além de permitir que ela se desenvolva.

O acervo está em constante crescimento, com isso, todas as atividades que envolvem sua gestão (aquisição, catalogação, indexação, empréstimo, devolução, inventário) começam a ficar mais trabalhosas e complexas consoante com sua extensão, mas devido o avanço da tecnologia já se faz possível o uso de recursos tecnológicos (neste contexto, os softwares) que irão auxiliar o bibliotecário ou outra pessoa responsável nessas atividades.

Entretanto, é preciso estar atento às modificações que uma nova tecnologia pode trazer no modo de executar estas tarefas, sendo necessária a elaboração de um projeto que contemple a situação atual da biblioteca (recursos financeiros, administração, usuários) e como ela poderá se beneficiar com a implantação de um software, pois essa mudança irá influenciar diretamente em todas as atividades/tarefas e/ou processos relacionados à gestão de seu acervo. Rowley (1994, p. 93) contempla bem este assunto ao afirmar que:

A informatização acarreta consequências no que se refere aos registros básicos de uma biblioteca ou departamento de informação. Modificações nos registros de catalogação, indexação, aquisição e circulação terão influência na qualidade essencial dos serviços bibliotecários. Portanto, reveste-se de vital importância o criterioso gerenciamento de qualquer programa de informatização. Uma análise e projeto de sistemas realizados metodicamente contribuirão para a implementação bem sucedida do sistema.

A partir da análise deste projeto, o gestor/bibliotecário poderá partir para a fase de escolha do software, que não é uma tarefa fácil, pois exige visão, bom senso e responsabilidade. Além

do mais, são muitos os sistemas criados para gerenciar acervos de bibliotecas, caberá ao bibliotecário selecionar o que melhor condiz com a realidade da biblioteca, ou melhor, que poderá auxiliar de maneira mais satisfatória a sua gestão.

3 SOFTWARES PARA CONTROLE E MANUTENÇÃO DO ACERVO

Conforme o acervo da biblioteca cresce, o controle sobre entrada e saída de documentos vai ficando mais complexo. O uso de um programa de computador pode facilitar o trabalho do bibliotecário, no entanto a seleção e escolha de um software para a biblioteca deve levar em consideração a definição técnica das necessidades da instituição, análise das empresas prestadoras de serviços na área, contato com fabricantes de softwares, satisfação dos usuários, bem como da capacidade tecnológica e computacional da instituição, entre outras.

Antes de ser adquirido, é necessário que o software seja selecionado e devidamente analisado, sua escolha exige uma análise da ferramenta, de seus recursos, potencialidades e capacidade. Neste contexto, Côrte et al. (2002, p. 55) destaca:

O software a ser adquirido deve, além de atender às necessidades de informação, ser compatível com o desenho e a cultura organizacional, com o parque computacional instalado, tamanho do acervo e o perfil dos usuários, respeitadas suas características quantitativas e qualitativas, além de possibilitar os desenvolvimentos futuros. [...] Devemos também almejar um produto capaz de atender às necessidades atuais e àquelas que poderão surgir com o passar do tempo.

Após os procedimentos de seleção, análise e aquisição do software, acontece a fase de implantação do mesmo, na qual

acontece a apropriação efetiva e identificação das potencialidades do produto. É de fundamental relevância que o produto seja testado no momento de sua instalação pelo fabricante ou fornecedor, para que seja verificado o bom funcionamento do produto ou possíveis falhas. Para que seja digno de confiança, o software precisa ser instalado, testado e apresentar resultados satisfatórios nos testes.

Contudo, é necessário e muito importante manter contato com o fornecedor e se possível estabelecer um contrato de suporte técnico e manutenção, pois a capacidade de atendimento do fornecedor deve ser um aspecto levado em consideração no momento da seleção do produto. No que concerne à garantia do software, que segundo Côrte et al. (2002, p 52)

Mais do que estabelecer prazos para que o produto esteja funcionando em sua plenitude é fundamental elaborar cláusula contratual que proteja a instituição, e, em caso de falência, concordata ou mudança de ramo de atividade, a empresa proprietária do produto seja obrigada a fornecer programas-fonte da última versão instalada.

Com o software devidamente instalado, testado e em seu pleno funcionamento, é de vital importância que sejam oferecidos treinamentos para capacitação técnica de seus usuários (bibliotecários ou outros). Esse treinamento proporcionará conhecimento e irá garantir o pleno cumprimento da missão institucional por parte de seus funcionários, e o sucesso na realização das atividades a eles atribuídas.

Alguns softwares para controle e manutenção do acervo de bibliotecas:

a) *Biblivre*: é um software livre, ou seja, não é necessário o pagamento de licença para aquisição. Capaz de proporcionar a inclusão digital, considerando-se que um grande número de bibliotecas públicas ainda não está informatizada por questões

técnicas e financeiras, o sistema é licenciado gratuitamente como Lesser General Public License da Free Software Foundation (LGPL), de maneira a permitir a sua difusão de uma forma ampla e garantindo a liberdade aos seus usuários para copiá-los, usá-los e redistribuí-los.

b) *BiblioteQ*: é um programa para gerenciamento de bibliotecas capaz de cadastrar e organizar títulos de livros, CDs, DVDs, Jornais, Revistas e até jogos de videogame. Ele também possui um sistema para cadastrar usuários, o qual permite administrar os empréstimos do acervo e controlar seu uso.

c) *MultiAcervo*: apresenta melhor performance no sistema operacional Microsoft Windows, no software de rede Windows NT e no software de bancos de dados Oracle. Compatível com os padrões ISO 2709, MARC e protocolo Z39.50, atende a requisitos exigido pelo MEC para avaliação de acervos bibliográficos. É compatível com os sistemas de autoatendimento e com o de estanteria eletrônica. Voltado para bibliotecas escolares, públicas e de empresas, obedece às normas de biblioteconomia na organização de acervos e serviços oferecidos por uma biblioteca.

d) *SophiA Biblioteca*: software para gestão completa de bibliotecas que pode se adaptar à realidade e necessidades específicas de cada biblioteca, de portes e diversos segmentos. Tem melhor performance no sistema operacional Microsoft Windows, no ambiente de rede Windows e no software de banco de dados MS-SQL SERVER. Desenvolvido em linguagem Delphi, contempla todos os requisitos necessários para o processo de automação de uma biblioteca, destacando-se a manipulação completa de um registro MARC. Atende aos requisitos exigidos pelo MEC quando da avaliação de acervos bibliográficos.

Estes são apenas quatro dos muitos softwares criados para auxiliar o bibliotecário a gerenciar a informação na biblioteca. Vale ressaltar que não existe estudo que indique qual o melhor/

pior software, tampouco se faz possível realizar tal julgamento, pois o melhor software não será o mais caro, nem o mais moderno, mas aquele que melhor se adaptará a realidade da biblioteca, que atenderá às suas necessidades de maneira satisfatória a seus funcionários e usuários.

Entretanto, é preciso estar atento à realidade da biblioteca para ter discernimento necessário no momento da escolha do software, como bem destaca Barsotti (1990, p. 66)

Quando uma biblioteca opta por automatizar seus processos técnicos, uma série de estudos devem preceder o início dos trabalhos. [...] Estes estudos devem ser conduzidos no sentido de se verificar a famosa relação custo X benefício, considerando que nada pode ser considerado caro ou barato se não for medido, e muito bem medido, o grau de benefício que pode ser obtido como resultado.

No entanto, decidir qual software utilizar para o gerenciamento da informação em uma biblioteca não é uma decisão simples, pois existe uma grande variedade de opções. A saída mais favorável é elaborar um planejamento, no qual serão considerados e analisados os critérios necessários à implantação desta nova tecnologia, tais como o usuário da biblioteca, tamanho do acervo (no que concerne à quantidade de títulos) e os recursos humanos, tecnológicos e financeiros de que ela dispõe. Sempre levando em consideração as necessidades da biblioteca para que o software escolhido, de fato, auxilie na gestão deste acervo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Economia de tempo, rapidez e ampliação no acesso à informação pelo usuário, agilidade nas tarefas e facilidade de

comunicação são alguns dos benefícios oferecidos pelo uso de softwares no gerenciamento do acervo de uma biblioteca. No entanto, para que esse uso traga o máximo de benefícios e o mínimo de complicações, é necessário que a instituição conte com o apoio necessário, bem como profissionais habilitados a desempenhar a função de utilizar esses softwares.

Esses profissionais são o bibliotecário (área de documentação) e o analista de sistemas (profissional de processamento de dados). O bibliotecário por estar mais familiarizado com a realidade da biblioteca, conhecer com profundidade as atividades desenvolvidas, as características organizacionais e as necessidades dos usuários, e o analista de sistemas por ter conhecimentos específicos na área de tecnologias da informação.

Juntos irão buscar meios para concepção, estruturação e definição do processo de automação, além de acompanharem a implantação do software escolhido no momento de sua instalação e teste. Será através do diálogo entre esses dois profissionais que será escolhido o software que melhor irá se adequar a realidade da biblioteca.

MANAGEMENT'S COLLECTION OF LIBRARIES: software maintenance and control of collection

ABSTRACT

Study on software for control and maintenance of library collections. Presents brief explanation about the library as an information center and agency holding and organizing the information, composed of services and functions, focusing mainly its user. Emphasizes the library collection as heart, department consists of all information that the library offers. Points to the importance of the study of the community of users to which the library will serve, in the training phase of the acquis, and important points to be considered in the selection and procurement phases of the works that will make up this collection.

Highlights the relevance of the advent of information technology for management of activities that make up the system of administration of library collections, and presents examples of software that can be used to manage the collection of libraries.

Keywords: Library. Collection. Management. Software.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. J. Planejamento de bibliotecas. In: ASHWORTH, Wilfred. **Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [19-]. cap. 8, p. 361-416.

BARSOTTI, Roberto. Informática aplicada. In: _____. **A informática na biblioteconomia e na documentação**. São Paulo: Polis, 1990. cap. 3, p. 65-83.

CÔRTE, Adelaide Ramos. et al. **Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos: uma visão do cenário nacional**. São Paulo: Polis, 2002.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Formação do acervo. In: _____. **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro, 2000. cap. 4.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. Rio de Janeiro; São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, [1980?].

REZENDE, Denis Alcides. Tecnologia da informação. In: _____. **Tecnologia da informação aplicada a sistemas de informação empresariais: o papel estratégico da informação e dos sistemas de informação nas empresas**. São Paulo: Atlas, 2008. cap. 3, p.

51-69.

ROWLEY, Jennifer. Gerenciamento de sistemas de informação. In: _____. **Informática para bibliotecas**. Brasília: Briquet de Lemos, 1994. cap. 6, p. 92-110.

SOFTWARES para gestão de acervo em bibliotecas.

Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/software-gestao-acervo-bibliotecas-582576.shtml>>.

Acesso em: 14 fev. 2013.

TABOSA, Hamilton. **Softwares para gerenciamento de acervos**. Disponível em: <<http://hamiltont.blogspot.com.br/2009/03/software-livres-e-software-gratuitos.html>>.

Acesso em: 14 fev. 2013.

RESUMO DE PROJETOS E PESQUISAS

A LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO E O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO NO MARANHÃO: faces e disfarces**Dirlene Santos Barros¹**

Projeto de Pesquisa sobre o direito à informação garantido em lei. Objetiva analisar a aplicação da Lei de Acesso à Informação no Estado do Maranhão a partir da problemática: Como a Lei de Acesso à Informação pode ser aplicada num estado com as características sociopolíticas como o Maranhão? Para tanto, desenvolverá uma abordagem qualitativa e quantitativa com pesquisa bibliográfica pautada na análise da Lei 12.527/11 e em teóricos como Buckland, 1991; Capurro, 1985, Bobbio, 1997; Bonavides, 1996 dentre outros. A parte empírica será na cidade de São Luís (MA) e a coleta de dados por meio da análise do Plano Anual de Planejamento e Orçamento; Lei Orçamentária Anual e de Diretrizes Orçamentárias e entrevista com os representantes da Administração Pública, especificamente, gestores das Secretarias Estaduais de Ciência e Tecnologia e Cultura. Acredita que o direito à informação capacita as pessoas a participarem da sua sociedade como sujeitos ativos, construtores da sua própria identidade sociopolítica.

Palavras-chave: Lei de Acesso à Informação. Estado de Direito. Estado do Maranhão.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Professora Assistente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Mestra em Ciência da Informação. dirtsb@yahoo.com.br

ENTREVISTA

CÁSSIA CORDEIRO FURTADO



É Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, pela Universidade de Aveiro e Universidade do Porto, em Portugal (2013). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2000). Especialista em Estudo de Usuário pela Universidade Federal de Paraíba

(1984) e Graduada em Biblioteconomia (1983) e em Comunicação Social (1987) pela Universidade Federal do Maranhão. Professora da Disciplina Estudo de Usuários da Informação na Universidade Federal do Maranhão. Atua nas áreas: Redes sociais, Web 2.0, Biblioteca 2.0, Tecnologias da Informação, Biblioteca Escolar, Leitura digital, Livros digitais, Literatura Infantil, Metodologia da Pesquisa, Pesquisa Científica e Educação.

Revista Bibliomar: Para você o que falta na Biblioteconomia do Maranhão?

Cássia: Estive no Congresso Internacional do Livro Digital, no mês passado, em São Paulo, e pude constatar que o sudeste do Brasil tem uma realidade bem diferente da nossa.

Assim, considero que uma lacuna na Biblioteconomia do Maranhão é o atraso em relação ao uso dos recursos tecnológicos. Especialmente com relação ao fortalecer a relação com usuário e no uso para estratégias de incentivo a leitura.

Revista Bibliomar: Sabemos que ministra atualmente a disciplina Estudos de Usuários da Informação. Para você qual a importância dessa disciplina para o Curso de Biblioteconomia?

Cássia: A disciplina mostra aos estudantes a importância de conhecer o usuário, sua necessidade de informação e, principalmente, o comportamento informacional do mesmo, de modo a que possamos interferir, enquanto bibliotecários, na construção de novo conhecimento.

Revista Bibliomar: Conhecemos sua relação com as bibliotecas escolares. Para você qual a importância das bibliotecas escolares e qual seria a forma delas serem mais valorizadas?

Cássia: A importância da biblioteca escolar está bem clara em qualquer sociedade. Porém estamos a falar de BIBLIOTECAS e não se salas que acomodam acervo....

Considero ser imperativo e tempestivo rejuvenescer a biblioteca escolar, pois existe um grande descompasso entre o mundo das crianças e jovens e o ambiente das bibliotecas.

A Biblioteconomia Escolar carece de novos serviços, produtos e estratégias para conquistar seus utilizadores e se fazer necessária para eles.

Revista Bibliomar: Como você vê a relação dos bibliotecários

com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação?

Cássia: Considero a evolução tecnológica ser um processo cumulativo e irreversível, assim, temos que nos envolver nesse nosso contexto. Porém, considero que os bibliotecários até usam as TIC no ambiente doméstico e para suas comunicações pessoais, mas, quando se trata de levar para o labor, há receio e timidez! Devemos arriscar.... Desenvolver novos serviços com o uso das tecnologias, observar experiências, aprender com boas práticas... Afinal não existe melhor maneira de aprender do que na prática e com erros!

Revista Bibliomar: Qual o conselho que você dá para os graduandos de Biblioteconomia.

Cássia: Estudem muito, incluam áreas correlatas a Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dominem outro idioma, ler só em português deixa lacunas. Essas duas estratégias permitirão ampliar horizontes... Sejam curiosos e inquietos, tenham vontade e disposição para aprender, pensem grande sempre!

FIQUE POR DENTRO DA INTERIORIZAÇÃO



Prof.ª Dr.ª Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira, Professora Associada I do Departamento de Biblioteconomia. Doutora na área de Ciência da Computação pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia Elétrica. Desde 2008 está a frente da Assessoria de Interiorização da UFMA. Coordena Convênios, Programas e Projetos de Formação de Professores junto aos entes federados. Ministra a disciplina Automação de Bibliotecas, Coordena o projeto de pesquisa dentre outras ações.

A ASSESSORIA DE INTERIORIZAÇÃO

É vinculada diretamente a Reitoria, é um órgão executivo, responsável pela gestão e pelo desenvolvimento das ações inerentes à interiorização da Universidade Federal do Maranhão. Compete à Assessoria de Interiorização articular, orientar, coordenar, supervisionar e acompanhar a execução das atividades relativas à administração dos Campi, Programas, Projetos, Convênios e Contratos com os entes federados. Atualmente temos 5 (cinco)

programas vinculados.

PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA – PROEB

Tem como objetivo, formar professores para a Educação Básica com graduação plena, na habilitação escolhida dentre as oferecidas, com competência técnica e intelectual, consciência profissional e política, criatividade e responsabilidade. Atuamos em parceria com as Prefeituras Municipais e o Governo Federal. Estamos em 12 municípios (Tutóia, Presidente Vargas, Guimarães, Alto Alegre do Pindaré, Pindaré-Mirim, Central do Maranhão, Urbano Santos, Morros, Turiaçu, Vargem Grande, Cantanhede e Buriticupu), com 9 cursos, 37 turmas e 1.565 alunos matriculados. Em setembro de 2012, 182 alunos colaram grau no município de Pinheiro. Em julho de 2013, o Proeb iniciou no município de Monção com 205 alunos distribuídos nos cursos de Matemática, Letras, Filosofia e Educação Física. Funcionamos nos municípios citados com aulas presenciais nos finais de semana.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS – PROFEPAR

Tem como objetivo, formar professores capazes de exercer atividades da docência com competência técnica e intelectual, consciência profissional e política, criatividade e responsabilidade para atuar na Educação básica na rede pública dos Municípios e do Estado do Maranhão na modalidade presencial. Atuamos em parceria com o Governo Federal e as Prefeituras Municipais. Estamos em 18 municípios (Bom Jesus das Selvas, Caxias, Codó, Coroatá, Grajaú, Imperatriz, Magalhães de Almeida,

Nina Rodrigues, Lago da Pedra, Poção de Pedras, Santa Inês, Santa Quitéria, São José de Ribamar, Timbiras, Vargem Grande, Pindaré-Mirim e Humberto de Campos, Buriti Bravo), com 11 cursos, 73 turmas e 2.796 alunos matriculados. Colaram grau em 2012 58 alunos e em 2013 15 alunos. Funcionamos nos municípios citados com aulas presenciais nos finais de semana.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – PROCAMPO

Tem como objetivo formar profissionais da educação do campo do Estado do Maranhão que não possuem curso de nível superior em Licenciatura. Teve início em 2009, com 60 alunos, sendo 30 para habilitação em Ciências Agrárias e 30 para Ciências da Natureza e Matemática. Em 2010 tivemos uma nova entrada de 60 alunos. Atualmente contamos com 120 alunos. O curso tem sua origem no Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), do MEC/Secad (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), e foi viabilizado no Maranhão a partir de uma parceria iniciada em 2008 entre a Supervisão da Educação do Campo (Secretaria de Estado da Educação), o Comitê Estadual da Educação do Campo e a Pró-Reitoria de Ensino da Universidade Federal do Maranhão.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA – PRONERA

Tem como objetivo, promover a educação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, bem como formar educadores e educadoras para as escolas do campo. Visa-se, com isso, contribuir

para a consolidação da educação do campo, cuja finalidade seja trabalhar em favor da erradicação do analfabetismo, da garantia do direito à educação, considerando as dimensões política, cultural, ética, histórica, econômica. Atualmente contamos com 200 alunos matriculados e funciona no campus de Bacabal de forma presencial obedecendo os tempos para escolarização.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – PROFEPMA

Tem como objetivo subsidiar a construção e/ou fortalecimento da consciência dos docentes e discentes das escolas municipais, respaldada em sentimentos e valores tais como: valorização, preservação, proteção e respeito ao patrimônio cultural material e imaterial da cidade, assim como o de identidade e pertencimento a um espaço geográfico e a cultura de um povo. Este programa dá continuidade às ações que vinham sendo desenvolvidas, desde agosto de 2007, pelo projeto “Educação Patrimonial nas salas de aula de Alcântara”, proposto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Maranhão (IPHAN/MA), em parceria com a Universidade Federal do Maranhão e Prefeitura Municipal de Alcântara - MA. Estamos no 3º ano do Programa e já certificamos em 2011, 77 professores e em 2012, 55 professores e previsão de certificação para 2013 é de 60 professores.

PROJETO RONDON

Tem como missão do PROJETO RONDON® mobilizar a juventude universitária, em estreita articulação com as Instituições de Ensino Superior, os três níveis de governo e a sociedade civil, para despertar uma consciência crítica a respeito das realidades

nacionais. O objetivo da ação foi contribuir para a construção da cidadania da população do Estado do Maranhão, por meio da erradicação do sub-registro civil de nascimento e ampliação do acesso da comunidade à documentação civil básica. Em parceria com a Associação Nacional dos Rondonistas, Secretaria Especial de Direitos Humanos de Presidência da República e demais parceiros.

Foi realizado em 2010 a coleta informações que para subsidiar a implantação de um Banco de Dados e a definição de prioridades a serem atacadas no Plano Estadual de Regularização Civil; capacitou gestores, lideranças comunitárias, universitários e professores; mobilizou agentes estratégicos e comunitários para o mapeamento da situação do registro civil de nascimento e documentação básica, nos 25 municípios (Açailândia, Grajaú, Imperatriz, Codó, Coroatá, Passagem Franca, Pastos Bons, Paraibano, Caxias, Colinas, Pinheiro, Santa Luzia, Santa Inês, Monção, Pio XII, Bacabal, Vitorino Freire, Barra do Corda, São Mateus, Vargem Grande, Chapadinha, Buriti, Balsas, Lago da Pedra e Pindaré-Mirim).

Outro momento do projeto RONDON foi a ação comunitária (saúde e educação) envolvendo alunos universitários dos cursos de Artes, Direito, Medicina e Serviço Social, que participaram no município de Fagundes-PB.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A **REVISTA BIBLIOMAR** publica artigos, relatos de experiência, resenhas, resumos e informes pertinentes à área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, cabendo ao seu Conselho Editorial à decisão final sobre a publicação. A simples remessa de originais à revista significa autorização do autor para sua publicação, porém não implica compromisso de divulgação pela revista. A Revista Bibliomar exime-se do pagamento dos direitos autorais ou fornecimento de separatas.

Normas para Apresentação de trabalhos:

1. Os originais entregues à Comissão de Captação de Originais serão apreciados, selecionados e aprovados pelo Conselho Editorial.
2. O texto não deve ser paginado, possuir no mínimo 4 páginas, incluindo o resumo e a referência.
3. Em folha à parte o(s) autor(es) deverá(o) apresentar as seguintes informações: nome completo do(s) autor(es), qualificação acadêmica, instituição vinculada, endereço completo, telefone e endereço eletrônico (e-mail) para contato.
4. Os artigos deverão ser redigidos em português, digitados em papel branco A4 (21,0 cm x 29,7 cm) no programa "Word for Windows", com uso da letra no formato Times New Roman, em espaço 1,5 entrelinhas, fonte tamanho "12" para o texto e tamanho "10" para citações longas e notas de rodapé. Devem assegurar a padronização obedecendo a NBR 14724/2011, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) às margens:
 - superior: 3,0 cm;
 - inferior: 2,0 cm;
 - esquerda: 3,0 cm;
 - direita: 2,0 cm;
 - parágrafo: 2,0 cm a partir da margem esquerda;
 - citação longa: recuo de 4,0 cm da margem esquerda.

5. O original deverá ser entregue em 02 vias impressas a comissão de captação de originais, acompanhadas de duas vias online (uma via em doc. e uma em PDF) com a respectiva identificação do autor (ou autores, se for o caso) e o título do trabalho como assunto do e-mail- revistabibliomar@gmail.com.

6. A primeira página deve conter as informações na seguinte ordem:

a) Título do trabalho em negrito (e subtítulo não negrito, se houver) centralizado;

b) Nome(s) do(s) autor (es) seguido(s) de asterisco(s), remetendo para o rodapé da página, a qualificação acadêmica, instituição a que está vinculado;

c) Resumo informativo de até aproximadamente 150 palavras em português, acompanhado de no máximo 5 palavras-chave que identifiquem o conteúdo;

d) Tradução em inglês do respectivo resumo e palavras-chave (fonte 10, espaço simples entrelinhas) após a conclusão do artigo para efeito de praticidade e recuperação eficaz da informação.

7. Os títulos das tabelas e quadros devem ser numerados consecutivamente em algarismos arábicos. Esses algarismos devem vir acima das ilustrações seguidas dos respectivos títulos, apenas com a inicial maiúscula. Quando as tabelas e quadros são transcritos, devem se colocar abaixo uma legenda indicando a fonte.

8. Sempre que for mencionada uma citação no texto indica-se a fonte consultada. Para efeito de padronização seguir a NBR 10520/2011, da ABNT seguindo o sistema autor-data, remetendo-se para a Referência, ficando o rodapé para as notas.

9. As referências devem ser elaboradas obedecendo ao disposto na NBR 6023/2003 da ABNT, ora em vigor. Todo autor citado no texto deverá constar em uma lista chamada Referência, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor.

Observação: Os autores dos artigos publicados receberão certificados.

Universidade Federal do Maranhão
Centro de Ciências Sociais
Coordenação do Curso de Biblioteconomia
End.: Avenida dos Portugueses, 1966, Bacanga
São Luís - Maranhão - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272 - 8000
Site: <http://portais.ufma.br/PortalUfma/index.jsf>
Site do Curso: www.biblioteconomia.ufma.br
E-mail: revistabibliomar@gmail.com



Comissão de Editoração



Comissão de Captação de Originais



Prof. Msc. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira



Comissão de Finanças e Patrocínio



Comissão de Comunicação